

Universidade Federal Fluminense – UFF
Instituto de Estudos Estratégicos – INEST
Curso de Pós-Graduação em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos

**A Evolução dos Blindados nas Grandes Guerras e sua
consequência para a relação de poder entre os Estados no
Sistema Internacional**

Gustavo de Castro Oliveira

Niterói
Novembro de 2019

Universidade Federal Fluminense – UFF
Instituto de Estudos Estratégicos – INEST
Curso de Pós-Graduação em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos

A Evolução dos Blindados nas Grandes Guerras

Autor: Gustavo de Castro Oliveira

Monografia apresentada ao MBA de Relações Internacionais e Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense – UFF, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialização em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos.

Orientador: Prof. Dr. João Rafael Gualberto de Souza Morais

Niterói
Novembro de 2019

**Ficha de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso em
Relações Internacionais e Estudos Estratégicos (Monografia)**

Título do Trabalho: A Evolução dos Blindados nas Grandes Guerras

Aluno: Gustavo de Castro Oliveira

Semestre Letivo: Primeiro Semestre 2019

Avaliadores:

Prof. Dr. João Rafael G. de Souza Morais– Orientador (Avaliador 01)

Departamento de Estudos Estratégicos
e Relações Internacionais

Prof. Dr. Vágner Camilo Alves– Leitor (Avaliador 02)

Departamento de Estudos Estratégicos
e Relações Internacionais

Notas dos Avaliadores	
Avaliador 01	
Avaliador 02	
Nota Final	

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso analisa a influência do surgimento dos carros de combate como elemento fundamental em uma das muitas revoluções militares das quais o mundo passou, e de que modo impactaram nas relações de poder entre os Estados durante o período das guerras mundiais. O estudo busca focar desde os antecedentes que levaram ao seu aparecimento, passando pelo efetivo surgimento dos meios blindados como forma de tentativa de resolução da “guerra de trincheiras”, buscando ainda no entre guerras a razão para as diferentes doutrinas de emprego durante a Segunda Guerra. Ele é finalizado com a demonstração de como este aparato tecnológico influenciou nas batalhas finais da Primeira Guerra e de fato foi protagonista nas táticas e estratégias da *Blitzkrieg*, principalmente, no início da Segunda, o que leva ao contínuo estudo das suas formas de emprego até mesmo nas batalhas mais atuais.

Palavras-chave: Blindados; Tanques; Primeira Guerra Mundial; Segunda Guerra Mundial; *Blitzkrieg*; Relações Internacionais.

ABSTRACT

This paper examines the influence of the emergence of tank as a key element in one of the many military revolutions the world has gone through, and how they impacted power relations between states during the period of world wars. More specifically, the study begins with a focus on the circumstances that led to the emergence of armored vehicles as a means to attempt to resolve the “trench warfare” quandary during World War I (WWI) and continues through the interwar period during which different employment doctrines were developed and utilized throughout World War II (WWII). The paper continues with a battlefield study of how armored vehicles influenced the final battles of WWI and in fact played a leading role in the *Blitzkrieg* tactics and strategies utilized by Germany, mainly, early in WWII, which leads to the continuous study of their forms of employment even in the most current battles.

Key-Words: Armored; Tanks; First World War; Second World War; *Blitzkrieg*; International relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Estrutura e Justificativa	2
Metodologia	3
CAPÍTULO I: O IMPASSE ESTRATÉGICO DA PRIMEIRA GUERRA E O SURGIMENTO DOS BLINDADOS	5
1.1 A Europa antes da Primeira Guerra, a Corrida armamentista e o aumento do poder de fogo	6
1.2 A Primeira Guerra e os primórdios da doutrina de armas combinadas	11
CAPÍTULO II: O ENTRE GUERRAS E O RUMO DOS BLINDADOS NAS GRANDES POTÊNCIAS	16
2.1 Inglaterra	16
2.2 França	19
2.3 URSS	23
2.4 EUA	27
2.5 Alemanha	30
2.6 Comparação e Conclusão pela Superioridade Operacional Alemã	34
CAPÍTULO III: A BLITZKRIEG NA SEGUNDA GUERRA E O FIM DO IMPASSE	38
3.1 Blitzkrieg na Europa, campanha da França	40
CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

A história das Relações entre os Estados possui, em seu escopo, uma série de fatos relevantes, que fizeram com que o sistema internacional atingisse os moldes como conhecemos hoje. Além desse arcabouço histórico, existem dentro do cenário mundial, fatores de influência que podem determinar o comportamento daqueles atores, e por isso também contribuem para a maneira com que as nações realizam seus planos estratégicos e conseqüentemente sua política externa.

São muitos os fatores que possuem a capacidade de influência supracitada, no entanto, se pudéssemos elencar alguns como mais importantes, nesta relação constariam pelo menos: geográfico, demográfico, econômico, militar, científico-tecnológico e governamental. De acordo com De Souza, “Não é possível determinar uma hierarquia de importância entre os vários fatores das Relações Internacionais variando tal importância, isoladamente ou em conjunto, com outros fatores, **no tempo e no espaço.**” (DE SOUZA, 2005, p.95, grifo nosso)

Já no que diz respeito aos fatos históricos, o século XX, entre os demais, muito se destaca no que diz respeito ao trato entre os Estados entre si. As Grandes Guerras trouxeram consigo uma série de conseqüências que muito influenciaram na sociedade internacional. No campo das inovações tecnológicas, dentre as inúmeras, sem dúvida, os blindados estão entre as mais importantes. Como bem-dito por Voltaire¹: “Eu considero (a arma blindada), depois da invenção da pólvora, como o instrumento mais certo da vitória.”

A incorporação do motor de combustão interna na arte da guerra, em meados da década de 1910, ensejou o surgimento de “dinâmicas plataformas que disparavam destruidoras ogivas”. Dessa forma, os blindados representaram a volta aos campos de batalha do princípio da manobra, surgindo como arma de decisão das batalhas. (DOS SANTOS, 2011, p.01)

A inserção dos *tanks*² (tanques), como eram chamados na época, nos campos de batalha, foi de tal importância, que muitos autores consideram que eles não só trouxeram uma grande inovação nos aspectos táticos, mas também nos estratégicos, e até mesmo nos políticos, visto que a medida em que trouxeram a

¹ Voltaire (1694-1778) foi um filósofo e escritor francês, um dos grandes representantes do Movimento Iluminista na França. Foi também ensaísta, poeta, dramaturgo e historiador.

² Apesar da existência de diferenças técnicas entre as viaturas, as nomenclaturas, tais como: tanques, blindados, carros de combate, veículos blindados e mecanizados, com intuito de facilitar o entendimento deste trabalho, serão empregadas como sinônimos.

mobilidade de volta foram capazes de gerar uma verdadeira revolução militar, que permitiu aos Estados um novo poder de barganha na “mesa do jogo entre as nações”.

Mais do que isso, o surgimento dessa inovação, somadas a aviação e a combinação com a infantaria, consubstanciou, em um primeiro momento, o embrião do que mais tarde viriam a chamar de *blitzkrieg*, que foi, não só uma maneira bem pensada do emprego de armas combinadas, mas também se caracterizou como a resposta ao impasse estratégico que muito se mostrou presente na primeira guerra, através da guerra de trincheiras, sendo assim, a solução para a retomada da mobilidade aos campos de batalha, mostrando dessa forma uma sobrevida do ataque, que parecia ter cedido à defesa graças aos armamentos inseridos nos campos de batalha após a revolução industrial do século XIX.

Dito isto, baseado nessa análise inicial, o tema do trabalho tem como intuito mostrar de que modo esses novos veículos com blindagem evoluíram ao longo do início do século XX, mais especificamente, durante a Primeira Guerra, quando surgiram como maneira de superar o impasse estratégico trazido pela guerra de trincheiras; no entre guerras, quando foram tratados de distintas maneiras pelas potências da época, mostrando de que forma elas resolveram lidar doutrinariamente com essa novidade, considerando para o estudo: Inglaterra, França, URSS, EUA e Alemanha; e na Segunda Guerra, quando tal advento foi parte integrante, mas com peculiar importância, no emprego do conceito de *Blitzkrieg* (em tradução literal, “guerra relâmpago”), que deu a Hitler, em um primeiro momento, uma imensa capacidade de se sobrepôr a seus oponentes, principalmente pelo modo com que as doutrinas alemãs evoluíram no entre guerras, e tornaram tal potência capaz de superar os impasses encontrados nas guerras anteriores.

Estrutura e Justificativa

Para esta pesquisa, o trabalho será subdividido da seguinte forma: um capítulo, com um subitem realizando uma breve análise do cenário europeu antes das Grandes Guerras mostrando as dificuldades enfrentadas nas linhas de frente nos confrontos desse período, após revolução industrial e a corrida armamentista, que levou a um crescimento no poder de fogo das armas, e a consequente dificuldade de mobilidade no campo de batalha, devido ao grande número de baixas

que eram necessárias para pequenos avanços, o que traz o dilema de Ataque contra Defesa. E outro subitem com os primórdios da doutrina de armas combinadas empregada ainda na primeira guerra por algumas nações, o que é a raiz do que virá a se tornar a *blitzkrieg* mais para frente. (MORAIS, 2014)

Um segundo capítulo, basicamente mostrando como ocorreu a aceitação e o processo de inserção dos blindados nas doutrinas já existentes, mostrando neste, a grande resistência encontrada na grande parte dos países analisados, que serão os já citados anteriormente, focando na exceção que foram os alemães e como suas decisões no campo operacional muito influenciaram no estratégico, sendo mostrado tal conclusão, primordialmente, no início da segunda guerra.

Por fim, um último capítulo, com um estudo de caso voltado para como se deu o emprego da *blitzkrieg* contra a França, mostrando a grande efetividade inicial dessa doutrina, mesmo contra os mais fortes blindados franceses e em alguns casos até mais numerosos. Além dos capítulos supramencionadas, ainda trabalharemos uma breve introdução e conclusão.

Durante esta breve introdução, ficam aqui ainda as justificativas que despertaram o interesse para escrever sobre o tema. Primeiramente, para alertar que nem sempre é a inovação tecnológica a responsável pelo aumento do poderio militar e pelas vitórias nas guerras, mas sim a sua doutrina de emprego e a forma com que ela é combinada com as outras armas já existentes. A segunda justificativa, reside no fato de que, tal maneira de manobrar com armas combinadas, presentes na segunda guerra, ainda estão atuais, visto o emprego muito similar demonstrado nos conflitos atuais até pela superpotência militar: os EUA. Por último, mas não menos importante, o intuito de fomentar futuros estudos na área, que podem levar a uma nova forma de empregos dos blindados em nossas Forças Armadas.

Metodologia

O método de estudo pautado na pesquisa qualitativa foi a principal metodologia apresentada, buscando na análise histórica as conjunturas e os pensamentos que permitiram a evolução dos blindados de suas diferentes formas, em cada país de análise, no intervalo de tempo estudado. Além disso, a pesquisa foi ainda teórica quanto a seu objetivo geral, na medida em que procurou compreender

os aspectos que envolveram a utilização das armas combinadas com foco na importância dos veículos blindados, a partir de material existente sobre o tema.

Por fim, a pesquisa utilizou-se de procedimentos técnicos do tipo bibliográfico e documental, “contribuindo para o processo de síntese e análise dos resultados de vários estudos, de forma a consubstanciar um corpo de literatura atualizado e compreensível.” (NEVES e DOMINGUES, 2007, p.197)

CAPÍTULO I: O IMPASSE ESTRATÉGICO DA PRIMEIRA GUERRA E O SURGIMENTO DOS BLINDADOS

Conforme transcrito na introdução, esta parte pretende mostrar de maneira superficial como encontrava-se a Europa antes da primeira guerra, sobretudo, como os Estados hegemônicos do continente estavam lidando com: a unificação alemã e italiana, a medida em que surgem estes novos entes no cenário europeu, que acabam por desequilibrar a balança de poder continental; o nacionalismo exaltado, oriundo das ideias da Revolução Francesa, amplamente divulgadas durante as guerras napoleônicas; as armas e outras inovações tecnológicas surgidas, principalmente, após a segunda revolução industrial, que trouxeram grandes alterações nos campos de batalha; e de que maneira todos esses fatores conduziram a uma verdadeira corrida armamentista muito focada na qualidade dos armamentos e pouco preocupada nas suas formas de utilização, que culminou com a I Guerra. Segundo Louro:

A corrida armamentista ocorrida antes da I Guerra Mundial serviu para armar os exércitos europeus com metralhadoras e canhões de longo alcance e tiro rápido, com cada exército comprando mais armas para buscar superar o oponente mais em quantidade do que em qualidade (MURRAY, 2005, p.268, apud LOURO, 2011, p.28). **O aumento do poder de fogo não serviu para modificar as doutrinas táticas empregadas, que continuavam basicamente as mesmas das guerras anteriores** (MURRAY, 2005, p.251. MESSENGER, 1978, p.9. HOWARD, 2001, p.75, apud LOURO, 2011, p.28, grifo nosso)

Além disso, em um segundo momento, explicar qual foi a maneira utilizada pelas nações beligerantes para superar, ainda durante o conflito mundial, os problemas de inconsistência das ações ofensivas encontrados no decorrer da guerra, oriundos dos combates com grandes exércitos e com armas capazes de dizimá-los apesar de seus tamanhos, o que inclusive, levou alguns especialistas a acreditarem que a defesa como forma de vencer a guerra era muito mais efetiva que o ataque, e como, principalmente a aviação e os veículos blindados, foram efetivamente usados taticamente e operativamente, visando transpor tal impasse estratégico.

1.1 A Europa antes da Primeira Guerra, a Corrida armamentista e o aumento do poder de fogo

Com o fim das Guerras Napoleônicas e a assinatura do Tratado de Viena (1815), tudo indicava que a Europa passaria por um longo período pacífico, até porque, tal tratado traduzia essa vontade das potências europeias, e deixava claro essa intenção com uma série de medidas que os estadistas adotaram consensualmente, para evitar que voltassem a passar por novos conflitos.

No entanto, com o passar dos anos, foi percebido que, do modo que os Estados mais importantes da Europa continuavam a se comportar no sistema internacional, empregando a “*Realpolitik*”³, ou seja, imposição de vontades, como forma de política externa, o surgimento de um novo conflito não demoraria.

Apesar dos muitos indícios que levariam a uma nova crise, muitos foram os que tentaram evitá-la, neste papel destaca-se a figura do chanceler Alemão Otto Von Bismarck. O diplomata, além de responsável pela unificação alemã, passou a coordenar de certa forma o sistema internacional europeu da segunda metade do século XIX, tornando a Alemanha uma das grandes potências do período.

O seu destaque é reconhecido pelo historiador Pierre Renouvin no livro Introdução às Relações Internacionais: “Em todos os Estados europeus, a questão das relações com o Império alemão está no centro das preocupações dos homens de governo: é para Bismarck que todos voltam seus olhares.” (RENOUVIN, 1967).

A nova ordem europeia foi obra de dois colaboradores inesperados, posteriormente arquirrivais, o imperador Napoleão III e Otto von Bismarck. Eles ignoraram as velhas devoções de Metternich — de que, em nome da estabilidade, era preciso preservar as legítimas cabeças coroadas da Europa, de que movimentos nacionais e liberais tinham de ser suprimidos e, acima de tudo, de que as relações entre os estados deviam sair do consenso entre governantes de opiniões semelhantes. (KISSINGER, 2012, pp.93)

As manobras diplomáticas realizadas pelo chanceler, cuja principal intenção era o isolamento francês, mostravam aos demais países europeus, principalmente, a França, a grande capacidade que os germânicos possuíam de se sobrepôr às atuais potências, causando um grande desequilíbrio de poder no continente e preocupando àqueles que até agora o possuíam, somado a esse crescimento do Estado alemão e

³ O termo é frequentemente utilizado pejorativamente, indicando tipos de política que são coercitivas, imorais ou maquiavélicas.

do enfraquecimento francês frente as medidas de Bismarck, faz-se mister ainda, considerar o isolacionismo inglês que trabalharemos mais à frente.

Portanto, nascia um “Dilema de Segurança”⁴ causado pela unificação da Alemanha, que somado ao revanchismo francês relacionado à guerra franco-prussiana, foi o fruto não só dessa primeira guerra que se aproximava, mas também da segunda. E essa tendência do Estado Alemão de romper o equilíbrio do continente leva à celebre frase de Kissinger, “Historicamente, a Alemanha tem sido ou fraca demais ou forte demais para a paz da Europa” (2012, pp.72).

De maneira menos alarmante, mas com significativa importância, no mesmo período ocorre a unificação italiana. Apesar de não ser observada pelas nações adjacentes com tanto receio quanto a alemã, sem dúvidas, a existência do Estado Italiano crescia, no planejamento estratégico das grandes potências, mais uma peça no tabuleiro do sistema internacional, cujo aparecimento influenciaria nas possíveis formas de realizar suas respectivas políticas externas. Aqui soma-se a aposta feita pelos germânicos nessa nação recém unificada, o que é bem demonstrado pelos tratados congregados⁵ entre estes países no período.

As unificações não eram os únicos fatores relevantes na Europa que davam traços de uma tendência a novos conflitos. O nacionalismo exacerbado, amplamente difundido durante a Revolução Francesa, e regionalmente absorvido com o advento das guerras napoleônicas, também foi fator preponderante para conseqüente guerra. Tal sentimento foi fundamental não só para as tendências a unificação, mas trouxe consigo algumas novas características para o campo de batalha, já empregado nos conflitos contra Napoleão, os recrutamentos compulsórios. Conforme French:

Os exércitos dos países que se confrontariam a partir de 1914 eram formados pelo processo de conscrição de seus cidadãos, que treinavam por um determinado período (de um a dois anos) ao atingir os 18 anos. Esse sistema de recrutamento era fruto do *Levée en Masse*, o **recrutamento compulsório** surgido durante a Revolução Francesa (1793) para defendê-la, que foi possível graças a melhorias na administração burocrática dos Estados e **ao sentimento nacionalista crescente nos países europeus durante o século XIX**. Com isto, se tornou **possível formar grande**

⁴ “Dilema de Segurança”, elaborado pelo acadêmico germano-americano John Herz nos anos 1950 e que é usado por alguns teóricos – principalmente de vertente realista – para explicar corridas armamentistas.

⁵ Em 1882, durante o Segundo Sistema Bismarckiano, ocorre a formação da Tríplice Aliança entre Alemanha, Áustria-Hungria e Itália, sendo esta renovada mais tarde através dos acordos Mediterrâneos, que visavam a manutenção do status quo na região.

número de soldados, aumentando a quantidade de forças formadas para um conflito (2005, p.75, apud LOURO, 2011, p.26, grifo nosso).

Desta forma, já ficava claro, desde esse período, a tendência a exércitos mais numerosos e com significativas forças ofensivas em todas as guerras que se sucedessem a napoleônica, em que a capacidade de fogo e movimento, junto às doutrinas táticas de avanço das tropas em massa compacta, seriam capazes de fazer qualquer beligerância ser rapidamente resolvida, não só por essas razões, mas também pela grande capacidade de recompletamento de pessoal, que se fazia possível graças aos avanços na parte logística dos exércitos, com destaque para os transportes, ambos promovidos pelos adventos da Revolução Industrial. Isso muito explica a crença dos estadistas e estrategistas, que tomariam parte no próximo conflito, de que a Primeira Grande Guerra terminaria rapidamente. O que bem se sabe, não foi o que aconteceu. (LOURO, 2011, p.26-29)

Antes de conduzir nossos estudos ao motivo que levou os estadistas a errarem em suas previsões, faz-se mister aqui citar ainda as grandes mudanças tecnológicas promovidas nesse período, algumas já citadas, mas que acabaram não abarcado outros incrementos que muito influenciaram o conflito em pauta. Segundo Howard (2003, p. 66), de 1827 até 1870 houve duas ondas de mudanças com grande impacto na batalha. O desenvolvimento do poder dos rifles e o posterior aparecimento da metralhadora foram fatores que proporcionaram um incremento no poder de fogo da infantaria, dispensando a coesão das fileiras que marcara os combates até então, o que inclusive acabava por dificultar o comando dos oficiais, cuja tropa ficava mais espaçada no terreno do que a sua capacidade de comando e controle, apesar das evoluções em equipamentos nessa área. (Apud MORAIS, 2014, p.26)

Nas palavras de Louro (2011, p.26), temos um resumo preciso de todas as mudanças ocorridas no decorrer do século XIX e início do século XX, que tiveram destaque no conflito que se aproximava:

A revolução industrial possibilitou deslocar e manter estes grandes contingentes militares. O uso de transporte ferroviário para concentrar rapidamente as tropas e o desenvolvimento e produção de alimentos em conserva auxiliaram a manutenção dos contingentes por maiores períodos em campanha (Jones, 1987: 395; Crevelde, 2005:215). O telégrafo, e posteriormente o rádio, facilitaram o comando, controle e comunicação das tropas em marcha. Em relação ao armamento, o poder de fogo e a precisão das armas, tanto individuais como de artilharia, aumentaram

consideravelmente, se as compararmos com as guerras napoleônicas (1815) e as guerras de unificação da Prússia (1870)⁶, que começou a utilizar a artilharia em grande escala. O poder destrutivo destas armas seria ainda maior em 1914 (Murray, 2005, 250; Crevelde, 2005: 217; Jones, 1987: 390; 420).

Com essas novidades, que tornavam os exércitos cada vez mais letais, somados ao isolacionismo Inglês, que pouco se preocupava com as mudanças ocorridas na Europa continental, visto que mais se interessava com o crescimento do seu império, acaba por fomentar uma nova corrida imperialista, que visava busca e manutenção de amplos mercados consumidores para os novos produtos gerados a partir das revoluções industriais, trazendo para todo o continente uma grande disputa por novas colônias. A França, antes hegemônica junto a Inglaterra, após a guerra franco-prussiana, já não se mostrava uma potência inatingível, visto o surgimento de novos Estados nessa disputa, principalmente, a Alemanha, agora mais uma interessada na fatia desses territórios colonizados.

Como normalmente ocorre, antes de atingir as vias de fato, e dado todo o cenário apresentado, a Europa passou por uma grande corrida armamentista, onde as nações envolvidas, visualizando a iminência de um novo conflito, buscaram arduamente estarem preparadas em relação aos seus artigos militares. No entanto, como já foi dito no início desse capítulo, tal corrida foi muito mais quantitativa do que qualitativa. Além do mais, a busca incessante pelo aumento do poder de fogo não foi acompanhada pelas doutrinas táticas levando a termos um início de guerra muito parecido com alguns conflitos que a antecederam.

Os problemas encontrados no início da guerra, estavam relacionados à maneira com que as antigas táticas se chocavam com os novos armamentos desenvolvidos no período, principalmente, a metralhadora. Louro explora bem isso em sua dissertação, além de mostrar que isso já tinha ocorrido em outros embates anteriores a guerra:

O fato de as armas terem sua capacidade letal aumentada foi tomado como um fator secundário, embora em outros locais do mundo, no mesmo período ou ainda pouco antes de 1914, se houvesse demonstrado que as operações ofensivas sofreriam um alto nível de baixas devido à supremacia da defesa

⁶ A Guerra da Criméia, ocorrida entre estas duas (1854-1856), é considerada um dos primeiros conflitos da Era Industrial, utilizando equipamentos modernos desta Era (rifles, navios blindados, artilharia de tiro indireto, telégrafo), além de ser o primeiro conflito com cobertura da imprensa internacional. (HOBBSAWM, 1996, p.114. E: PARKER, 2005, p.221. Apud LOURO, 2011, p.26)

sobre o ataque, ainda mais se as defesas estivessem preparadas com trincheiras e apoio de artilharia. **A Guerra de Secessão, nos Estados Unidos (em menor escala), a Guerra dos Bôeres e a Guerra Russo-Japonesa** demonstraram essa supremacia da defesa com as novas armas em uso pelos europeus. (LOURO, 2011, p.28, grifo nosso)

Logo, o que foi visto nas primeiras batalhas, assim como já havia sido percebido nas grifadas acima, foi um grande impasse estratégico, em que “o argumento da superioridade do poder de fogo não estava devidamente respaldado pela necessária mobilidade e por meios de comando e controle adequados às novas circunstâncias” (MORAIS, 2014, p.29). Desta forma, a resposta demonstrada para a impossibilidade de cruzar as “terras de ninguém”⁷, graças à ausência de mobilidade, foi o conseqüente entrincheiramento, levando a defesa a mostrar-se aqui superior ao ataque, apesar da crença de grandes generais achar isso impossível.

Por fim, as palavras de Da Silveira resumem bem os problemas militares encontrado pelos comandantes a época, bem ilustrados pela maneira em que se desenrolou o combate no *front* ocidental. Tais entraves demoraram a ser entendidos e ainda mais a ser superados, por isso se evidenciaram, primordialmente, no início da guerra, mas se estenderão ao longo de sua duração.

Quando a Grande Guerra iniciou, a tendência óbvia foi a de todos os exércitos adotarem a postura ofensiva, buscando o combate decisivo. Porém, a crença na ofensiva começou a esvanecer-se, principalmente na frente ocidental, devido ao alto número de perdas e à ineficácia dos ataques em obter a ruptura das linhas inimigas e a abertura da brecha necessária para a conquista de objetivos e exploração do êxito. O poder de fogo da artilharia e das metralhadoras dominaram o campo de batalha e estabeleceram a guerra de posições ou de trincheiras. (2017, p.03)

Portanto, apesar de os conflitos ocorridos no período entre as guerras napoleônicas e a primeira grande guerra já terem demonstrado as novas características do combate, com o incremento de todas as peculiaridades expostas no decorrer dessa sessão, ainda assim as doutrinas não foram capazes de trazer uma solução eficaz para os entraves que surgiram. Desta forma, na próxima sessão, o intuito é analisar de que maneira tais óbices buscaram ser resolvidos por algumas

⁷ Um terreno constantemente revolvido pelos disparos da artilharia, de difícil movimentação, mas que era passagem obrigatória para o lado que decidisse atacar (JONES, 1987, p.456. CREVELD, 2005, p.218. MESSENGER, 1978, p. 28, apud LOURO, p.29).

nações e por seus líderes, ainda durante a guerra, apesar de todo impasse tático-operacional que levou inclusive a famosa “Corrida para o mar”.⁸

1.2 A Primeira Guerra e os primórdios da doutrina de armas combinadas

Conforme trabalhamos no tópico anterior, o surgimento da Alemanha como grande nação exaltou os ânimos na Europa, e o dilema de segurança proporcionado pelo seu surgimento, trouxe como consequências um desbalanceamento dos poderes hegemônicos do continente, isso sem considerar ainda as possibilidades que uma Itália forte poderia trazer para essa balança.

O início do conflito, teve como estopim o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando da Áustria, no entanto as razões da guerra têm raízes muito mais profundas, como já vimos anteriormente. O evento com o nobre austríaco deu início a uma reação em cadeia, que fez com que os países entrassem em guerra, pela primeira vez, efetivamente global, já que todos os países invocaram as alianças formadas ao longo das décadas anteriores e ainda envolveram suas colônias nos conflitos.

Os primeiros momentos da guerra em muito lembravam as características dos últimos conflitos europeus, como as guerras napoleônicas e as franco-prussianas, ou seja, combates extremamente focados na ofensiva e buscando na guerra de movimento a rápida solução para as batalhas. Ou seja, ficava claro a tentativa de continuar se empregando táticas do século XIX, contra as tecnologias do século XX.

Portanto, nem mesmo os vitoriosos conceitos de guerra de movimento, foram capazes de permitir um avanço significativo na frente ocidental, o que acabou por mostrar uma cavalaria, até então vista como o que há de melhor em mobilidade, sendo ineficiente e ineficaz frente às inovações tecnológicas providas pelo poder de fogo da artilharia e das metralhadoras. Da Silveira, em seu trabalho, ilustra bem essas conclusões sobre as características do conflito, quando diz:

Com o aumento do poder de fogo o papel de ação de choque da cavalaria ficou em xeque, uma vez que uma carga contra canhões e metralhadoras redundaria em carnificina. Os aliados, por diversas ocasiões, conseguiram a ruptura e abertura de brecha na frente inimiga, porém nunca chegavam a

⁸Como ficou conhecida a tentativa dos exércitos de ambos os lados, alemão ou aliado, de tentar flanquear o outro, após a Batalha do Marne, em 1914. No fim, como nenhum exército conseguiu flanquear o outro, a frente de batalha se estabilizou, com as linhas de trincheira praticamente se estendendo do Canal da Mancha, [...], até a fronteira com a Suíça, ao sul. (LOURO, 2011, p.29)

explorar o êxito, [...] principalmente, pela insistência de lançar a cavalaria hipomóvel nessa missão, o que se mostrou inviável. Ao final, os alemães sempre conseguiam agilizar suas reservas em tempo de recompor a defesa, mesmo que pouco mais à retaguarda. (DA SILVEIRA, 2017, pp.04)

Esses impasses para o avanço, que ficaram muito característicos pela dificuldade da tropa de infantaria, com grandes efetivos, de transpor os obstáculos criados pelos arames farpados, somados à perda de mobilidade da cavalaria, que perdia sua ação de choque devido as posições defensivas bem estruturadas e batidas pelas armas de apoio, levaram esse período da Grande Guerra a ser conhecido como guerra de trincheiras, que teve seu ápice nas grandes batalhas sem mobilidade ocorridas em 1915, 16 e 17.

Esse cenário, causado pelo dilema da guerra estática, levou as principais potências beligerantes a buscarem soluções para resolver este óbice encontrado. Tal solução é bem ilustrada nas palavras de Dos Santos:

Na tentativa de resolver o problema, os alemães optaram pelo emprego de armas químicas, enquanto os ingleses deram início ao desenvolvimento de uma nova arma capaz de neutralizar as metralhadoras inimigas e abrir caminho para que os infantas ocupassem o terreno. Dessa forma, em 1916, durante a ofensiva do Somme, os britânicos lançaram mão dos chamados “tanques”, veículos de blindagem espessa que transportavam canhões e metralhadoras com o objetivo de levar o fogo para o interior das posições inimigas. (DOS SANTOS, 2011, pp.02)

Neste momento, ao chegar ao cerne deste capítulo, faz-se mister uma importante observação. Ao falarmos de blindados, devemos distingui-los entre viaturas blindadas e carros de combate (ou tanques). O primeiro, já era empregado pelo exército britânico desde 1915, sendo caracterizado como uma viatura que empregava motores de combustão interna como força matriz, e era dotado de poder de fogo e proteção blindada, sendo “versáteis e úteis, embora para reconhecimento e não para ataques diretos contra as posições inimigas” (TREWITT, 2005, pp.07). Já o segundo, ao qual o texto de Dos Santos se refere, ilustra um novo blindado, fortemente armado desenvolvido com o intuito de “atravessar as fronteiras com facilidade, usando as lagartas, [...] e destruir as resistências inimigas com impunidade” (TREWITT, 2005, pp.08).

Dito isto, a conclusão parcial que chegamos do emprego dos tanques, principalmente pelos ingleses, em seu batismo de fogo na primeira guerra, é de que eles foram responsáveis por uma verdadeira revolução militar, dada a sua

capacidade de contribuir para a superação do inconveniente da guerra estática, ou seja, eles permitiram a retomada da mobilidade, e graças a isso, da ofensiva. No entanto, como disse Trehitt:

Não seria apropriado sugerir, de alguma maneira, que o carro de combate ganhou a guerra. Os ataques das *stormtroopers* alemãs durante as ofensivas de março de 1918, mostraram-se mais eficazes em quebrar as trincheiras do que os carros de combate (2005, pp.09).

E nem poderia fazê-lo, visto que apesar de ter se provado como uma máquina extremamente útil, e como já mencionado anteriormente, uma arma revolucionária, ainda possuía uma série de limitações, não só de caráter técnico, mas também, e principalmente de cunho tático, dado o seu emprego não ter sido realizado de maneira mais eficaz, deixando assim margem para melhorias em um próximo conflito.

Aproveitando-se dos textos de Dos Santos e Trehitt, supramencionados, é possível perceber que entre todas as nações beligerantes, as que se destacaram na tentativa de superar o impasse estratégico apresentado pelas guerras de trincheira, foram principalmente os franceses, os britânicos e os alemães, com particular destaque para os dois últimos. Sendo assim, é interessante aprofundar os estudos nessas tropas, que se mostraram diferenciadas, já demonstrando alguns traços da doutrina de armas combinadas que mais tarde seria conhecida pela alcunha de *blitzkrieg*.

Analisando primeiro os dois destaques da Tríplice Entente⁹, a solução foi baseada na melhoria material, e buscou em inovações tecnológicas a resposta para superar este dilema militar da falta de mobilidade trabalhado até então, “desenvolvendo pesados veículos blindados e armados, capazes de resistir às balas das metralhadoras e transpor as defesas inimigas, chamados erroneamente de *Tanks*, e mais acertadamente de carros de combate” (LOURO, 2011, p.30). Porém, como já vimos no nosso estudo, a sua utilização, em 1916, não surtiu grandes efeitos, visto que “a maior parte dos veículos atacantes quebrou no espaço da ‘terra de ninguém’. Mesmo assim, o comando britânico percebeu a utilidade dos veículos, requisitando melhorias técnicas e aumento da produção”. (JONES,1987, p.463; CREVELD, 2005, p.219; apud LOURO, 2011, p.30).

⁹ Formado por Inglaterra, França e Rússia

Nas palavras de Orgill é possível verificar a síntese do que foi implementado pelos britânicos para superar a guerra de trincheiras:

Como a primeira utilização dos carros em 1916 demonstrou, não bastava apenas lançar os carros de combate no ataque, isolados, como era feito com a infantaria. Esse método não implicava no melhor uso dos veículos. Coube então ao recém-formado Royal Tank Corps – o Corpo de Tanques – pensar no método que trouxesse maior eficiência possível para a nova arma. Decidiu-se então iniciar um ataque maciço com as tripulações dos carros treinadas para romper as trincheiras rapidamente, apoiando os carros uns aos outros, **juntamente com a infantaria**, que os seguia para assaltar as posições alemãs; **o apoio de artilharia**, ao invés de maciço e longo, seria curto e preciso para evitar a perda do elemento surpresa. **O apoio aéreo, usado em grande escala**, causava distração às tropas alemãs, além de provocar desordem (1979, p.26; apud LOURO, 2011, p.30, grifo nosso).

Conforme é possível perceber, já nestas ações britânicas, o emprego de armas combinadas tornou-se uma das respostas para a superação das dificuldades táticas para romper as defesas inimigas, inclusive com a aviação, que também surgia como mais uma grande inovação. No entanto, é importante destacar que, apesar de inovador, o tanque ainda não era empregado em Grandes Unidades¹⁰, ficando restrito a pequenos Regimentos de Carros de Combate, ou seja, suas extensas possibilidades de emprego ainda estavam limitadas, sendo apenas uma faísca do que estava por vir.

Enquanto essa foi a forma encontrada pelos ingleses e pelos franceses, mais pautadas em matérias, para os alemães a resposta encontrada ocorreu não apenas, mas prioritariamente, na mudança da forma de raciocinar dos seus oficiais, ou seja, na doutrina, com ênfase na da infantaria. Nas palavras de Louro:

No lado alemão, recorreu-se a mudanças na doutrina tática que permitissem à **infantaria atacante se infiltrar com sucesso nas trincheiras inimigas, com apoio da artilharia** – a formação das unidades *Stostruppen*, ou “infantaria de assalto”. Estas mudanças eram baseadas na formação de pequenas unidades de combate de infantaria com apoio de novas armas individuais; o uso mais efetivo do apoio de outras armas, **como a artilharia e aviação**; e a descentralização do comando para permitir mais flexibilidade ao grupo atacante na tomada de decisões quando necessário. Foi um processo coordenado pelo Alto Comando do Exército alemão, que visou alterar toda a estrutura da infantaria, custando tempo para o treino de oficiais e sargentos na nova doutrina tática (2011, p.29, grifo nosso).

¹⁰ No exército brasileiro, as Grande Unidades (GU) são representadas hoje pelas Brigadas.

Faz-se mister salientar que da mesma forma que do outro lado, os germânicos, para trazer de volta a efetividade das ações ofensivas para os campos de batalha, também recorreram à combinação de diversas armas de ataque, onde destaca-se a infantaria, artilharia e aviação. Entretanto, diferente dos seus oponentes, buscariam ainda uma mudança de mentalidade no seu alto escalão, além de investir tempo na preparação e treino de suas tropas, o que veremos no próximo capítulo. Esta nação diferenciou-se no que diz respeito às lições retiradas dessa guerra, cuja consequência será uma diferente forma de pensar uma doutrina de armas combinadas no entre guerras, fomentando o nascimento da tão famosa *blitzkrieg*.

CAPÍTULO II: O ENTRE GUERRAS E O RUMO DOS BLIDADOS NAS GRANDES POTENCIAS

No período entre guerras, as principais potências mundiais passaram por diferentes processos de maturação sobre o modo de utilização das viaturas blindadas. Alguns teóricos surgiram nessa época, no entanto em grande parte encontraram forte resistência para a prática de suas ideias, e principalmente, para a evolução dos blindados, visto que o sentimento geral no pós-guerra, era de antipatia aos assuntos militares. Não obstante os fatores já citados, o fator econômico, com um endividamento europeu generalizado, também contribui para o avanço restrito.

Porém, apesar da oposição encontrada, cada país ao seu modo realizou algumas modificações em relação à Primeira Guerra, tanto em relação à forma de produção quanto à de emprego destes meios, já que foi percebido pelos resultados que muito ainda se tinha a evoluir para que os veículos em pauta, atingissem o seu potencial e conseguissem cumprir a contento as missões no campo de batalha.

Com o intuito de não tornar o trabalho enfadonho, o estudo sobre esse desenvolvimento se restringirá a Inglaterra, França, URSS, EUA e Alemanha, visto o protagonismo desses países na Segunda Grande Guerra.

2.1 Inglaterra

Como já citado no capítulo anterior, os britânicos foram os grandes precursores da utilização dos carros de combate nas frentes de batalha durante a Grande Guerra, possuindo assim, não só grande quantidade desse tipo de veículo militar, mas também muitos militares com experiência no emprego destes artefatos. No entanto, da mesma maneira que descrito no prólogo deste capítulo, os ingleses após o término dos conflitos sofreram, assim como no restante da Europa, com os fortes sentimentos antibelicistas que inundavam a sociedade, que vira uma geração inteira ser dilacerada. Não obstante isso, ainda passava pela consequente crise econômica pós-guerra que atingiu diretamente o exército, principal força detentora dos conhecimentos necessários a um maior desenvolvimento dos blindados.

No campo socioeconômico, fruto deste sentimento demonstrado pela população inglesa, os cortes no setor de defesa foram significativos. Somados ainda a parte financeira, no campo político-estratégico, a postura adotada pelas lideranças pós-guerra demonstrava uma nova tentativa britânica de isolamento da Europa. Tal

forma de estratégia política levou a desvalorização das forças terrestres e priorização das estratégias navais e da “construção de uma grande força aérea estratégica, de inspiração na doutrina de Douhet, o que culminou na criação da primeira força aérea do mundo, a RAF¹¹” (MORAIS, 2014, p.45).

Desta forma, ao exército inglês foi legada apenas a missão de realizar pequenas intervenções nas colônias, visto que não existia pretensão britânica de realizar novamente incursões de grandes montas para interferir em solo europeu, assim como havia sido feito na última guerra. Morais resume bem tal estratégia Inglesa no seguinte trecho:

Com o fim da guerra, a Grã-Bretanha, protegida por sua condição insular, novamente adotou uma postura distante dos problemas europeus, se negando a dar garantias à França contra a Alemanha, postura que fazia parte da chamada doutrina da “responsabilidade limitada”¹². Essa política tinha por objetivo evitar um futuro envolvimento britânico semelhante ao ocorrido entre 1914-18. (2014, p.45)

Apesar de todo esse revés encontrado, ainda existia entre os militares de alto escalão, aqueles que pensando a frente do seu tempo, realizaram experimentações com os blindados. Esse foi o caso de Lorde Milne, então Chefe do Estado-Maior Imperial Britânico. Entretanto, a despeito de toda a sua força de vontade, os pesados cortes orçamentários tornaram-se grandes limitadores ao desenvolvimento de suas ideias, somados ainda as duras críticas de J.F.C. Fuller e Liddell Hart, que se opunham à maneira em que tal estudo estava sendo executado. (DA SILVEIRA, 2017, p.07-09)

Outro fator marcante nesse período entre guerras, no que tange ao desenvolvimento dos blindados e sua doutrina foi, sem dúvidas, a grande oposição encontrada para a ocorrência dessa evolução gerada pelas armas mais tradicionais, entre elas, infantaria, artilharia, e até mesmo a própria cavalaria, que não viam nesse tipo de veículo militar a resposta para os problemas enfrentados na I Guerra Mundial. Somado a isso, outro aspecto que corroborava com tal crença dos tradicionalistas, era o fato dos próprios defensores das mudanças não falarem e

¹¹ Royal Air Force, em tradução literal, Força Aérea Real.

¹² “Responsabilidade Limitada” (*Limited Liability*), estratégia que defendia que os britânicos deveriam intervir sem o uso de uma força terrestre de grandes proporções conflitos no continente europeu, para evitar o ocorrido na guerra anterior. (Apud LOURO, 2011, p.33; MURRAY, 1996, p.9; KIER, 1999, p.93)

pensarem de maneira única, mostrando-se divergentes mesmo dentro da mesma ideologia, o que se prova verdadeiro, visto que até mesmo na forma de emprego da terminologia blindado¹³ não existia unanimidade. (HOUSE, 2008, p.26)

De acordo com Murray, essa dificuldade de visualizar qual a melhor forma tática de utilização dos carros de combate em grande escala, adivinha do fato de efetivamente não ter ocorrido o ataque, pensado por J.F.C Fuller, defensor dessas convicções, previsto no “Plano de 1919”.

Reconhecidamente, J.F.C. Fuller, naquele ponto trabalhando no escritório de guerra, havia concebido um plano ambicioso, O “Plano de 1919”, para usar tanques no ano seguinte para atacar o Quartel-General alemão – até o nível Corpo [de Exército] – para paralisar o comando e controle inimigos. Mas a paz veio antes que a Inglaterra pudesse tentar tal concepção ambiciosa. (DA SILVEIRA, 2017, p.08)

Ainda nesse escopo da parte tática, o que foi visto após o fim da guerra, foram duas correntes de pensamento, uma clássica que acreditava que os blindados deveriam manter-se simplesmente como apoio a infantaria, e outra advinda, principalmente, do *Royal Tank Corps*¹⁴ que acreditava que as viaturas blindadas seriam melhores empregadas se utilizadas para o rompimento das defensivas e aproveitamento do êxito, baseado em um emprego combinado de armas.

Entre as principais razões para que esta última corrente supracitada não ganhasse grandes adeptos, podemos elencar a grande segmentação do exército, como já inclusive trabalhado nesse capítulo. Nas palavras de Murray era uma, “coleção de regimentos”, que somada ainda a resistência da RAF em desenvolver uma doutrina de apoio aéreo aproximado ao exército, dificultava a incorporação de uma doutrina de emprego geral para qualquer inovação. (MURRAY, 1996, p. 09; Apud MORAIS, 2014, p.45). Segundo Morais:

Imediatamente após a guerra, o fluxo de informações dentro do Exército britânico foi dificultado pela ausência de um órgão formulador de doutrinas que corporificasse toda a instituição em uma direção. Segundo Louro (2011), as discordâncias entre os oficiais comandantes do Estado Maior britânico sobre o carro de combate em muito dificultaram o desenvolvimento de um aprendizado sobre a nova arma. Houve demora na criação de um

¹³ O termo blindado designa, em geral, veículos com blindagem, em particular dotados de esteira. Os termos mecanizado e mecanização se referem aos blindados de modo geral e, em especial, sobre rodas. Os termos motorizado e motorização se referem aos veículos a motor como um todo, mas em particular aos não blindados sobre rodas. (DA SILVEIRA, 2017, p.08)

¹⁴ Em tradução literal Corpo de Tanques Real

grupo responsável por estudar as experiências legadas pela guerra, o que comprometeu a instrução de novos oficiais especializados. (2014,p.46)

Por fim, os possíveis ícones e precursores dessas inovações, os ingleses Basill Liddell Hart e John Frederick Fuller, apesar de convictos sobre suas ideias e serem possuidores de compreensões avançadas sobre o emprego dessa nova arma, não souberam traduzi-la de maneira a convencer e sobrepujar o conservadorismo de seus irmãos de armas, fato esse que junto as falhas institucionais já citadas, levaram a Inglaterra a se manter em um patamar de desenvolvimento em relação a blindados muito menor do que tinham potencial para ter no início da guerra que estava por vir. (MORAIS, 2014, p.46 e 47). Em síntese:

Segundo House, as propostas visionárias destes pioneiros da doutrina mecanizada foram, em parte, prejudicadas por suas formas radicais de manifestar tais opiniões, que, já não sendo nada ortodoxas à primeira vista, acabaram gerando ainda mais repulsa pelas autoridades conservadoras que deveriam persuadir (HOUSE, 2008, p. 91-93; Apud MORAIS, 2014, p.47).

Cabe, porém, destacar ao término desse tópico que apesar de todos os problemas explicitados acima, segundo Alves (1964), “Depois da I Guerra os ingleses continuaram a construir *tanks* experimentais e carros blindados, mais que qualquer outro país.” No início das hostilidades na Europa, o Exército Britânico possuía onze tipos de blindados em uso, com um total em torno de 750 a 1.000 carros. (DA SILVEIRA, 2017, p.14)

2.2 França

Na sociedade francesa, assim como na britânica, ocorreu significativa influência das obras literárias de forma desfavorável a guerra, além da existência de um grande desejo de que um outro conflito não viesse a ocorrer. Contudo os franceses tinham claro em suas mentes que, mesmo com todas as restrições impostas a Alemanha pelo Tratado de Versalhes, ainda assim havia grandes chances de um novo embate. Desta forma, de maneira diferente aos ingleses, os estudos das lições aprendidas na guerra que acabara de ocorrer foram exaustivamente realizados por suas Forças Armadas, tendo ainda como ponto discrepante o fato que, em virtude da ameaça trazida por seu vizinho, os

investimentos na área de defesa permaneceram altos, tendo, como veremos mais para frente, apenas sido mal-empregados. (LOURO, 2011, p.39)

Não se limitando a tais medidas, a França procurou ainda, assim como antes da I Guerra, dividir a responsabilidade pela contenção da Alemanha com outros países do continente europeu. Isso se deu principalmente, através da realização de novas aliança e da ratificação de algumas já existentes. Com tais medidas, eles acreditavam que caso outro combate viesse a ocorrer, pelo menos seria possível diminuir o número de baixas de seu exército e conseqüentemente a sociedade seria menos afetada pelos esforços de guerra. Assim sendo, amparado em suas alianças, e na limitada força demonstrada neste período pós-guerra pelo exército alemão, somado ainda aos estudos das atuações francesas no conflito anterior, as indicações eram de que o exército focaria sobremaneira em uma doutrina ofensiva. (MURRAY, 1996, p.13-15)

No entanto, aspectos internos, relacionados às más lembranças trazidas pelos resultados, na Primeira Guerra, da manutenção do espírito ofensivo, influenciaram as decisões estratégicas francesas, fazendo com que o terreno fértil que se mostrava ao desenvolvimento de novas doutrinas ofensivas não fosse aproveitado. Nas palavras de Louro:

Os militares franceses, ao fim da I Guerra Mundial, discorriam entre a doutrina ofensiva e defensiva como melhor opção para a França. Durante parte da década de 1920, a doutrina ofensiva era a opção dos militares, mas mesmo assim esta não era unanimidade entre eles (Kier, 1999: 71). A lembrança da batalha de Verdun trazia à memória dos franceses a supremacia que a defesa teve na guerra passada. Essa lembrança, que se tornou mais forte no imaginário francês na década de 1930, acabou convencendo políticos e militares de que uma opção defensiva era vantajosa. (KIER, 1999, p.41. MURRAY, 1996, p.32. Apud LOURO, 2011, p.41).

Apesar de essa mentalidade mais defensiva ser forte na sociedade, e com o passar dos anos tornar-se maioria também nas Forças Armadas, nos anos imediatamente subsequentes à Grande Guerra, foi notável a existência de figuras favoráveis à guerra mecanizada. Entre elas faz-se mister citar o General Estienne, criador francês dos carros de combate, que era defensor do “uso dos veículos em grande quantidade e operando de maneira independente, e obtinha apoio não só de uma quantidade considerável de oficiais à época, mas também do chefe do Estado Maior do Exército francês, General Buat.”(LOURO, 2011, p.41)

Outra figura que seguia essa mesma linha de pensamento, era o General Charles De Gaulle, que vislumbrava a criação de divisões blindadas, que pudessem proporcionar uma ação de choque nos momentos iniciais do ataque, advindos da mobilidade e pelos apoios proporcionados por outras armas. Inclusive é indiscutível as suas influências nas Divisões Panzer alemães que viriam a se tornar tão famosas na II Guerra Mundial. (MORAIS, 2014, p. 47)

Nas palavras de Moraes temos uma síntese do que veio a ocorrer no Alto Comando francês no entre guerras:

O Alto Comando francês, apesar da necessidade estratégica, muito bem salientada por De Gaulle em seu livro, de desenvolver uma defesa capaz de conter sua poderosa vizinha, apostou em um ideal estratégico que se mostraria equivocado em 1940, dando demasiado valor à defesa estática, em função das impressões deixadas pela Primeira Guerra. (2014, p. 48)

Conforme supramencionado, é perceptível que apesar das várias influências de pensadores que defendiam um emprego mais ofensivo de suas peças de manobra, devido a uma série de razões internas, a decisão estratégica francesa acabou se pautando em dois grandes princípios defensivos. O primeiro deles foi a construção da *Linha Maginot*¹⁵, “que gastaria parte dos recursos militares franceses, em soldados e finanças, para garantir aos políticos a segurança que eles desejavam para as indústrias francesas na região” (LOURO, 2011, p.42); e o segundo o desenvolvimento, por parte do Estado Maior da Doutrina da Batalha Metódica, que foi criada em cima das interpretações das lições da guerra anterior, e era pautada no emprego maciço do apoio de fogo, principalmente da artilharia, em detrimento da mobilidade da cavalaria, necessitando dessa forma de expressiva coordenação para o emprego conjunto. Em suma:

Logo após a guerra, o Estado Maior desenvolveu a Doutrina da Batalha Metódica, fundamentada na preocupação com o poder de fogo concentrado em detrimento da mobilidade, ignorando, aparentemente, as lições deixadas pelas táticas alemãs de 1918. Essa doutrina se baseava na crença sobre a capacidade do poder de fogo concentrado (notadamente, de artilharia) em apoiar ou deter uma ofensiva, e estava norteadada por uma percepção estática do campo de batalha, pois exigia uma fórmula operacional dependente de cálculos e de um controle rígido, como os exércitos praticaram durante a indecisão da Frente Ocidental. Norteados por tais princípios, os franceses não deram a necessária prioridade às reflexões sobre as forças mecanizadas. (MORAIS, 2014, p.48)

¹⁵ Rede de fortificações na fronteira francesa com a Alemanha

Outros fatores também influenciaram nas decisões francesas do entre guerras. A disputa política entre esquerda e direita e suas diferentes maneiras de pensar sobre o exército também tiveram seus pesos na forma de manobrar as Forças Armadas. Enquanto a esquerda defendia um exército de conscritos, a direita via nos profissionais a melhor maneira de pensar a Defesa. A primeira tinha receio que um exército profissional tivesse capacidade de realizar um golpe e desta forma usurpar o poder do povo, enquanto que a segunda estava preocupada na maneira em que se portariam os conscritos quando terminassem seu período obrigatório, podendo assim utilizar seus conhecimentos adquiridos nos treinamentos militares de forma contrária ao Estado. O fruto desse embate ideológico foi a mescla das duas opiniões, cujo resultado prático acabou sendo conscritos com períodos curtos de serviço. Essa atitude acabou por se tornar negativa para as forças francesas, visto que não existia por parte dos comandantes militares confiança para fomentar ideários ofensivos e inovadores, o que os forçou a crer que o melhor emprego dessa mão de obra militar pouco confiável fosse defensivamente. (LOURO, 2011, p.41-43)

Por fim, mas não menos importante, o abismo existente entre o generalato, ou o Alto comando das Forças Armadas, e os comandantes das grandes unidades, que efetivamente comandariam nos campos de batalha, impossibilitou a disseminação dos conhecimentos e a valorização das inovações, pois dada a centralização do comando e controle, ficava difícil a comunicação com o escalão superior, além de que pouco era incentivada a iniciativa nas pequenas frações, exatamente o oposto do que se via no seu rival, a Alemanha.

Saliento, antes de concluir sobre os avanços nesse período, que apesar de todas essas atitudes na contramão da inovação e da forte resistência na construção de uma doutrina de emprego de blindados mais parecida com as propostas de De Gaulle, que ainda assim, a produção de carros de combate se deu em grandes proporções, inclusive sendo ela responsável por modelos até melhores do que o dos próprios alemães que viriam a se destacar no conflito vindouro, reforçando desta forma, que a desvantagem ficou no campo doutrinário e não no campo tecnológico.

Dado todo o exposto acima, chega-se ao desfecho de que uma melhor análise dos fatos ocorridos, e principalmente das lições aprendidas com a I Guerra, poderiam levar de modo racional, a diferentes decisões por parte do Estado francês. Entretanto, o sentimento negativo oriundo do conflito anterior, com grandes perdas

no aspecto populacional e significativa destruição do território francês, trouxe como consequência decisões que nos anos que se seguiram, se demonstraram equivocadas. As breves palavras de conclusão de Moraes são um ótimo resumo do que de fato ocorreu na França do entre guerras, tendo ainda em sua última frase a crítica que possivelmente os defensores da inovação fizeram a seus superiores.

Conclui-se, portanto, que a proposta por um exército mecanizado, orientado por uma **doutrina que entregasse aos blindados o papel de “punho” na batalha, foi infrutífera** e as defesas francesas pereceriam em apenas seis semanas diante da invasão alemã de maio de 1940 (Williams, 1974, p. 16-17). Orientada pela ideia da supremacia do poder de fogo contra a mobilidade e na incapacidade ofensiva de um exército de conscritos (a despeito da bem-sucedida experiência alemã), **a França estaria, em 1940, muito bem preparada para 1914.** (2014, p.50, grifo nosso)

2.3 URSS

O início da história dos Russos com os blindados ocorreu ainda durante a Primeira Guerra Mundial. Através de aquisição destas viaturas junto aos britânicos, a Rússia iniciava seu aprendizado com tal aparato militar, tentando por meio deste incremento alcançar seus objetivos durante o conflito e superar as dificuldades que o combate impusera. A utilização dos *Austin*¹⁶, ainda de forma experimental, foi feita basicamente para apoio, como forma de transporte, mostrando-se extremamente limitados quando comparado as viaturas sobre lagarta que estavam por vir. (ALVES, 1964, p.177; Apud MORAIS, 2014, p.50)

Após passar por essa fase de testes, tais blindados demonstraram profunda dificuldade de emprego no tipo de terreno proposto, em que os pneus apresentaram profundas restrições ao movimento quando expostos as péssimas condições das estradas. Somado a isto, ainda existia a questão destas vias estarem constantemente cobertas por neve. Fruto disso, foi criado o conceito de “meia-lagarta” visando a solução dos problemas encontrados, sendo assim aplicadas tal tecnologia as ambulâncias. Mostrando-se satisfatória, passou então, a ser adotada também em protótipos de combate. Sua prova de fogo se deu em 1916, quando foi empregado em larga escala, de modo análogo aos ingleses na Frente Ocidental, ou seja, na tentativa de superar os obstáculos proporcionado pelas trincheiras. (MORAIS, 2014, p.50-51)

¹⁶ Os carros Austin encomendados aos britânicos em 1915, eram movidos por pneus pneumáticos de borracha reforçada e não possuíam lagartas. (MORAIS, 2014, p.50)

Devido aos problemas internos, relacionados a guerra civil, fruto da revolução de 1917, os russos se viram forçados a pedir rendição, principalmente, após a significativa derrota sofrida para os alemães, na qual ficava claro as grandes deficiências do exército russo que resultou na assinatura do Tratado de Brest-Litovsk¹⁷. Nas palavras de Paret é possível perceber de que forma o momento político e militar soviético influenciou no pensamento sobre blindados.

Desde sua saída da I Guerra Mundial, para dedicar-se à Guerra Civil, a Rússia voltou-se para dentro de si, adotando uma política isolacionista. Na União Soviética, a ideologia socialista determinou o curso do desenvolvimento dos blindados naquele país. O marxismo, como teoria dinâmica do progresso histórico, **via a defesa apenas como condição temporária até que a ofensiva pudesse ser assumida.** (PARET, 2003, p. 256; Apud DA SILVEIRA, 2017, p.6, grifo nosso).

Como podemos observar pela análise de Paret, os momentos iniciais pós-guerra mostravam-se favoráveis ao desenvolvimento de pensamentos diferenciados, principalmente, no que diz respeito a discussão entre ofensiva e defensiva. Estes conceitos extraídos da ideologia socialista influenciaram sobremaneira o pensamento do emprego de blindados e também levaram a “busca pelo estabelecimento de uma força militar moderna e, ao mesmo tempo, politicamente obediente.” (MORAIS, 2014, p. 52)

A maneira de pensar o combate tomou um novo viés, cujo ideia é bem traduzida por Da Silveira:

Foi adotado o conceito de operações sucessivas, que consistia em negar ao inimigo tempo para se reorganizar e, conforme Triandífilov – realizar a ruptura das linhas inimigas seguida da exploração do êxito. Tal conceito foi ampliado por Tukhachevsky, que concebia a combinação de armas, incluindo a aviação e, logicamente, os blindados. Esse pensamento era similar ao de Guderian. (2017, p.6)

No entanto, tal pensamento da maneira exposta por Da Silveira, foi formado não só pelas ideias originadas pela ideologia socialista, mas também sofreu forte influência da interação ocorrida entre URSS e Alemanha. Tal intercâmbio de ideias e tecnologia ocorreu em virtude da assinatura do Tratado de Rapallo, em 1922. O tratado entre soviéticos e alemães previa “intercâmbio militar em território russo, que permitia a essas duas potências excluídas da nova ordem mundial, marcada pela

¹⁷ Tratado imposto pelo Império alemão a uma Rússia destruída, que muito haveria de se fortalecer para permanecer no grupo das grandes potências. (MORAIS, 2014, p.51)

paz de Versalhes (1919), buscarem a modernização de suas forças armadas.” (MORAIS, 2014, p.52)

Como resultado desse tratado, a União Soviética cria em 1927 a primeira escola de blindados, desta forma já possuindo militares especializados nessas viaturas em 1930. Como sequência desses trabalhos de desenvolvimento de doutrina militar é fundada, em 1933, a Academia Stalin de Motorização e Mecanização, num primeiro momento profundamente influenciada pelas formas de combater oriundas da I Guerra Mundial, ou seja, com as viaturas blindadas limitando-se a apoiar a infantaria. No entanto, logo ela adere as novas correntes de pensamento como consequência do profundo estudo das experiências inglesas e francesas, e de teóricos como Fuller, Liddell Hart e Eimnansberger, concluindo então, que a melhor forma do emprego dos carros de combate era desbordando o inimigo e realizando um ataque com o emprego maciço de carros na sua retaguarda. (DA SILVEIRA, 2017, p.10-12)

Paret deixa claro em seu livro, que apesar de todo os avanços supracitados, nada disso seria possível sem a cooperação com os alemães, como indica no trecho a seguir:

Os alemães precisavam de um lugar fora das vistas dos signatários do Tratado de Versalhes, e os soviéticos necessitavam de assistência militar externa. [...] A colaboração ajudou os soviéticos por meio da produção conjunta de material bélico e dos instrutores germânicos enviados à União Soviética para ensino de tática e de técnicas de treinamento[...] (PARET, 2003, p. 267; Apud DA SILVEIRA, 2017, p.11, grifo nosso)

Segundo Alves, que corrobora com a ideia de Paret, fruto dessa cooperação e das influencias trazidas pelo contato com as doutrinas desenvolvidas pelo Estado Maior Alemão, ele conclui que “por volta do começo da década de 1930, o Exército Vermelho já era um dos mais modernos do mundo.” (1964, p.203; Apud MORAIS, 2014, p.52)

Na década de 30, esses pensamentos ainda se desenvolveriam, visto que somado a todas essas evoluções já citadas, somaram-se as experiências ocorridas durante a Guerra Civil Espanhola, o que levou a mudanças na forma dessas unidades se organizarem, passando pela ideia de estarem organizadas em nível Regimento ou Batalhão, findaram por ter em seu organograma as forças blindadas subordinadas ao nível Divisão, graças à conclusão de que em patamares menores

acabariam por estar muito diluídas. Apesar de mudanças de cunho organizacional, por alguns anos, a visão defendida por Triandifilov das operações sucessivas, resultantes em uma batalha de profundidade, que ainda foram mais refinadas por Marechal Tukhachevsky, mantinham um entendimento de um emprego tático/estratégico no qual a infantaria não fosse mais a protagonista.

O potencial militar soviético foi amplamente explorado nesse período entre guerras e levaria a uma URSS muito melhor preparada para segunda guerra, se não fossem os acontecimentos de 37, bem resumidos por Da Silveira:

Em 1937, o expurgo promovido por Stalin prejudicou a continuidade do desenvolvimento e implantação da doutrina de blindados. Entre 1937-39, diversos exercícios realizados levaram a novas mudanças, que consagravam o emprego maciço dos carros em frente estreita e decisiva. Em julho de 1939, contudo, foi revista a organização dos carros, retornando a ideia do apoio principal dos carros de combate à infantaria. Essas constantes mudanças geraram grande confusão, de modo que não havia uma doutrina definida às vésperas da II Guerra. (2017, p. 12)

A atitude de Stalin resultou em uma regressão do ponto de vista doutrinário, visto que mais da metade dos mentores da doutrina militar vigente tinham sido eliminados por desconfiança política. No aspecto econômico, faz-se mister ressaltar também a dificuldade soviética nos primeiros anos pós Primeira Guerra, em que devido aos grandes gastos envolvidos tanto nessa, quanto na guerra civil atinente a Revolução Bolchevique, levou a uma demora significativa para a retomada do crescimento dos investimentos, e quando eles começaram a ser bem empregados na década que antecederia a II Grande Guerra, acabaram por ser afetados com essas mudanças de comando, forçadas pelo já citado expurgo, já que as novas cabeças modificaram suas formas de direcionar os recursos, dada a nova forma de pensar a guerra.

Nesse escopo, podemos concluir que a URSS no início da II Guerra sofre significativas “derrotas morais” a citar, a contra a Finlândia¹⁸, muito influenciada por estes acontecimentos supramencionados, que ocorreram as vésperas da guerra. Tais debilidades, no que se diz respeito a doutrina do emprego dos corpos mecanizados, só começaram a ser superadas próximos da invasão alemã.

¹⁸ Para superar o pequeno país foi necessário o emprego maciço de reforços.

2.4 EUA

Os Estados Unidos da América, após o término da I Guerra Mundial, tornaram-se claramente mais um ator no cenário internacional, e diga-se de passagem, com posição de destaque, visto a sua atuação nos momentos finais da guerra, sem a qual o resultado possivelmente teria sido diferente. Esse novo ente internacional muito se distinguia do que se tinha antes deste conflito, em que o país era visto apenas como um desconhecido, e que internamente não se mostrava nem um pouco interessado no que ocorria no exterior das suas fronteiras, basicamente contentando-se com uma política isolacionista.

Tendo sido feita essa breve análise inicial, podemos observar que, o fato de sua presença na guerra ter sido fundamental para a vitória da Entente, fez com que ocorresse uma alteração significativa na balança de poder das Relações Internacionais. Com isso, apesar de ainda ser profundamente influenciada pelos acontecimentos da Europa, era este continente e particularmente a Inglaterra, que passava a atentar nos movimentos realizados pela política da jovem nação norte-americana. (MORAIS, 2014, p.103)

Devido aos fatores supracitados e a importância que os EUA viriam a ter na próxima guerra, tudo levava a crer que neste momento os americanos iniciaram um forte estudo dos conflitos recém ocorridos e que rapidamente aumentariam seus estudos na área de blindados. No entanto, conforme veremos, o movimento foi exatamente o inverso.

Devido à forte pressão de sua sociedade, os americanos, apesar de sua nova posição de destaque no cenário internacional, iniciaram um novo movimento visando o isolacionismo, principalmente pelas lembranças do conflito recém ocorrido na Europa. Tal sentimento de repulsa à guerra, como já foi estudado, também foi comum entre os britânicos e os franceses. No entanto, de maneira distinta a estes citados, é de suma importância diferenciar os estadunidenses nesse aspecto. Enquanto nos países europeus exemplificados anteriormente, o sentimento antibelicista atrapalhou as pesquisas e o desenvolvimento de doutrinas, o ocorrido nos Estados Unidos pouco influenciou negativamente, visto que a busca pelo isolamento se dava mais devido a um contentamento com o status quo existente antes da guerra, do que em virtude a uma repulsa aos assuntos militares. O fator que melhor explica isso, está diretamente relacionado ao relativo número de baixas

sofrido pelos americanos (até pelo fato de terem entrado no conflito europeu com ele próximo do seu final) quando comparado a de outras nações.

Desta forma, o que podemos analisar como ponto de similaridade entre a nação americana e as europeias, inicialmente, está relacionado ao fator econômico, que para House (2008, p.84) foi o que teve a principal influência no desenvolvimento de blindados nas principais nações, inclusive nos EUA: “[...]. Os exércitos das democracias ocidentais falharam em testar novas armas principalmente devido às restrições orçamentárias [...]”

Ainda nas palavras de House, quanto ao quesito de problemas financeiros prejudicando o desenvolvimento dos blindados nesse período entre guerras, os EUA não foram exceção:

Restrições financeiras e a negligência geral do Exército dos Estados Unidos impediram maiores mudanças em equipamentos e organização até meados da década de 1930. Só então o Exército foi capaz de usar fundos públicos alocados para reaquecer a economia após a Grande Depressão [...]. (2008, p.118)

Conforme destacado no texto de House, em meados da década de 30, a economia, já demonstrando traços de melhora após a Grande Depressão, e assim houve novos investimentos na área de pesquisas militares nos EUA. Entretanto, enquanto os investimentos não vinham, algumas mudanças foram feitas na parte tática, que cabe ressaltar, inicialmente, foi fortemente influenciada pelos pensamentos franceses, o que ficava bem claro através do Manual Provisório de Táticas para Grandes Unidades, produzido ainda em 1923. Nos anos que se seguiram, os estudos foram direcionados em cima das experiências de ex-combatentes, que comandaram na I Guerra. Tais estudos levaram, após 2 anos, a modificação da maneira de formação dos oficiais norte-americanos, que passou a ser focada na guerra de manobra a partir desse ano. Apesar dessas evoluções, apenas nas proximidades da Grande Depressão, ou seja, quase dez anos após a guerra, ocorreu algum movimento nos aspectos relacionados ao emprego de blindados. Entre 1928-29, foi formada uma Força Experimental Blindada, cuja composição tinha algo da ideologia de armas combinadas, ou seja, possui carros-de-combate, artilharia de campanha, elementos de engenharia, entre outros. (DA SILVEIRA, 2017, p.12)

Fruto dessas experiências, alguma evolução pode ser percebida no decorrer da década de 30. Segundo Alves:

Carros idênticos aos chamados tanks, destinados à infantaria, seriam fornecidos, a partir de 1930, à cavalaria, sob a denominação de Combat Cars. **Foi criada a Cavalaria Mecanizada, a fim de aperfeiçoar os blindados independentes da infantaria.** Os pioneiros do Fort Knox vislumbravam aproveitar o potencial dos novos carros-de-combate, com maiores velocidades e raio de ação, na exploração de brechas, conquista de objetivos mais profundos na retaguarda inimiga e contra-ataques, constituindo-se em ameaça estratégica. Assim, os tanks atuariam em apoio à infantaria, ao passo que os Combat Cars substituiriam os cavalos. Contariam, ainda, com as armas de apoio necessárias, inclusive aviação. (1964, p.201, grifo nosso)

O movimento em prol de uma força de blindados que fosse independente da infantaria, parecia levar a Cavalaria Mecanizada americana a atingir uma doutrina de emprego efetiva para os anos que estavam por vir. Entretanto, de acordo com Da Silveira, estas organizações, ao serem colocadas a prova, não se mostraram tão efetivas quanto no papel, demonstrando uma série de deficiências que só seriam sanadas já no decorrer da II Guerra Mundial.

Em 1936 foi organizada a 7ª Brigada de Cavalaria Mecanizada no Fort Knox, Kentucky. O General Adna Chaffee comandou essa brigada em 1938-40. Entretanto, os carros **eram muito leves, tanto na blindagem quanto no armamento. Além disso, não atuava com armas combinadas.** Somente após a invasão da França, em 1940, é que os americanos despertaram para a mecanização em larga escala. [...]. Em 1940 foi formado o *Armored Command* e, posteriormente, o *Tank Destroyer Command*, sob direção das forças terrestres. **O apoio aéreo aproximado era deficiente e somente começou a ser visto com a importância que merecia após ação dos bombardeiros de mergulho Stuka alemães, em 1939-40, já no decorrer da II Guerra.** (DA SILVEIRA, 2017, p.13, grifo nosso)

Com isso, fica claro que apesar de movimentos na direção correta no aspecto tático, no que diz respeito à doutrina de emprego da mecanização, ainda existia uma grande diferença quando comparada com a alemã, que no entre guerras teve um terreno, no campo político-estratégico, muito mais fértil para a inovação, como veremos mais detalhadamente no próximo tópico.

Antes de efetivamente encerrar o estudo sobre as evoluções americanas neste período, cabe ainda um destaque para a parte dos desenvolvimentos tecnológicos das viaturas blindadas. Estes se deram basicamente, em meados da década de 30, como já citamos, por motivos econômicos, e concentravam-se sob a

chancela do Departamento de Material Bélico Americano. As principais experiências ocorreram com o Christie M1919 e com o Médio A, estes considerados extremamente pesados, o que acabou fazendo com que não fossem aprovados nos testes. Após algumas influências das formas de pensar daqueles oficiais formados com um cabeça mais voltada a guerra de manobra, o departamento passou a buscar veículos blindados mais velozes e com maior capacidade de apoio de fogo de forma a consubstanciar a ação de choque tão necessária em uma guerra de movimento.

2.5 Alemanha

A primeira análise a ser feita sobre a Alemanha é a sua grande diferença, ainda nas proximidades do término da I Guerra, em relação as demais potências envolvidas no conflito, principalmente, Inglaterra e França, com destaque para o distinto modo de tentar superar a guerra de trincheiras. Enquanto estas últimas buscaram na mecanização dos seus exércitos a forma de vencer o dilema da guerra estática, os alemães já haviam enxergado na tática de infiltração promovida pelas criadas formações *Stoostuppen*¹⁹, uma solução pautada por invadir a “linha de trincheiras com apoio de fogo preciso de artilharia e aviação, contornando os pontos fortes existentes e flanqueando-os.” (LOURO, 2011, p.46).

Contudo, essa tática acabou não se mostrando satisfatória, visto a grande dificuldade de manutenção do apoio logístico e apoio de fogo, prestado pela artilharia, o que resultava na limitação a seu avanço. A consequência direta dessa derrota tática contra as forças mecanizadas da Tríplice Entente foi o desgaste do moral da tropa alemã e a consequente rendição em virtude do esgotamento da capacidade de manutenção, por um período maior que quatro anos, de um esforço de guerra nacional focado em uma guerra total.

No pós-guerra, a Alemanha era um país completamente devastado pela guerra, e se não bastasse as grandes perdas no aspecto humano, ainda tiveram enorme humilhação proporcionada pelos termos que lhe foram impostos no Tratado

¹⁹ Embora utilizadas pelos alemães, as táticas de infiltração foram originadas de um folheto escrito por um oficial francês durante o início da I Guerra. O capitão Andre Laffargue, em 1916, propôs mudanças nas táticas da infantaria visando adaptá-las as condições da guerra de trincheiras. Entretanto, suas idéias não receberam o apoio do alto comando francês (MURRAY, 1996, p.30-31; Apud LOURO, 2011, p.46).

de Versalhes. Em sua dissertação, Louro sintetiza bem os principais pontos deste tratado.

Derrotada ao final da I Guerra Mundial, a Alemanha teve que aceitar um acordo de paz desonroso, que a obrigava a ceder território conquistado na guerra de 1870 e as colônias ultramarinas, pagarem caras compensações de guerra à França, dismantelar sua indústria de guerra e restringir suas forças militares a um número mínimo, sendo-lhes vedada a formação de uma aviação de guerra e o uso de carros de combate. **Pode-se concluir, observando os fatores externos ao exército alemão, que a capacidade de inovar lhes foi dificultada.** A limitação que o Tratado de Versalhes lhes impôs, a princípio, impossibilitava o desenvolvimento de carros de combate e aviões de guerra. O controle sobre o tamanho do seu exército e sobre seu armamento, imposto pelos aliados, vetava o experimento com os equipamentos modernos. (2011, p.46, grifo nosso)

O argumento utilizado na conclusão de Louro se mostra extremamente lógico, na medida em que pudemos observar nesse trecho de sua dissertação como a nação alemã havia sido penalizada pela guerra. No entanto, faz-se mister pontuar que apesar de todos esses fatores externos serem desfavoráveis, no âmbito interno as forças armadas eles se provaram fundamentais para o incentivo a inovação e a criatividade, principalmente, no campo das ideias, o que permitiu uma profunda discussão acerca dos resultados da guerra e o estudo das lições aprendidas pela guerra.

Não só isso favoreceu aos incrementos na área dos blindados e das demais inovações. Outra peculiaridade do país ocorre também em sua sociedade. Diferente de britânicos e franceses que sofreram com um forte sentimento antibelicista, a sociedade alemã via no desenvolvimento de suas forças armadas uma forma de nutrir sentimento revanchista criado pelas imposições atinentes ao Tratado de Versalhes, que tornaram sua sociedade já devastada ainda mais humilhada.

Como fator coincidente, podemos observar o que de fato ocorreu em todas as nações europeias envolvidas no conflito que findara. A questão econômica muito afetou a possibilidade de grandes inovações na área tecnológica o que fez com que mais uma vez levasse os alemães a focar na criatividade para solução de seus problemas. Um belo exemplo disso foi a busca por simulações mesmo com o emprego de simulacros para realizar o treinamento e o teste de doutrinas que poderiam vir a ser empregadas com os veículos blindados. Uma análise socioeconômica precisa é realizada por Da Silveira em seu artigo, empregando traduções de House e Murray:

Segundo Murray (1996, p.13), a sociedade alemã não sofreu da aversão generalizada à guerra, como Inglaterra e França. Mas, entre 1928 e 1932, o exército alemão contou apenas com metade do orçamento esperado, inviável para a ampla mecanização pretendida. E mesmo com a assunção de Hitler e seu apoio às forças blindadas, foi necessário disputar recursos com outras armas e com a Força Aérea. (HOUSE, 2008, p. 102; Apud DA SILVEIRA, 2017, p.7).

Com o propósito de entender a maneira de pensar e a capacidade de manobra demonstrada pelos oficiais e praças em 39, esse período do entre guerras se mostra de suma importância. Entre as imposições do tratado, existiam ainda as que faziam referência aos quadros alemães, inclusive o de oficiais, que deveriam ser amplamente reduzidos. O Comandante à época era o General Hans von Seeckt, que se viu forçado a escolher entre as diferentes facções existentes dentro do exército alemão, na qual podemos salientar três: Os oficiais formados nos cursos para Estado Maior, no que se destacava a sua capacidade intelectual; os veteranos de guerra e principais detentores das experiências recém adquiridas na Primeira Guerra; e os oriundos da nobreza e da alta classe, cujo cargo ocupavam devido ao seu status e conhecimento no campo político. O General acabou optando pelo primeiro grupo, devido a sua gama de conhecimento no campo teórico e sua vasta capacidade inovadora, que o mesmo julgou fundamental para o momento vivido por seu país, escolha essa que futuramente se mostrou extremamente acertada. (LOURO, 2011, p.47)

Louro define assim a escolha do comandante:

Seeckt escolheu o primeiro grupo de oficiais, com um ethos cultural que enfatizava a excelência intelectual, tática e operacional dos oficiais, o que acabou influenciando o restante da organização no modo como as lições militares da guerra de 1914 seriam apreendidas e desenvolvidas no período entre - guerras (Murray, 1996: 36. Geyer, 2001:122). **Formou-se na ReichsWehr²⁰ um ambiente propício para o estudo dos acontecimentos da guerra anterior, que produziu como resultados conclusões intelectualmente profundas, honestas e completas da I Guerra Mundial.** Para von Seeckt, a guerra era **realizada através da manobra, a *BewegungsKrieg*, e o retorno a ela resolveria o impasse criado nos campos da I Guerra Mundial.** Estudar o conflito seria o modo de resolver esse impasse e voltar à guerra de manobra (MURRAY, 1996, p.37; Apud LOURO, 2011, p.47, grifo nosso).

Nota-se, nas palavras de Louro, que desse momento em diante, os profundos estudos (inclusive de obras de autores como De Gaulle, que em seu próprio país não surtiu tanto efeito) realizados por esse corpo de oficiais capacitados e abertos a

²⁰ Exército alemão

inovação, já haviam encontrado a solução para os impasses da I Guerra, e ela estava no retorno a manobra, como forma de resolução dos problemas enfrentados.

Dito isto, faltava apenas de que forma traduzir esses pensamentos teóricos em práticos, visto as restrições pelas quais estavam atrelados. Aqui também é fundamental compreender que tais avanços no campo doutrinário foram favorecidos pela forma de pensar herdada dos antigos exércitos prussianos (refiro-me aqui as reformas de *Sharnhorst* e *Clausewitz*²¹) ainda presentes nos exércitos alemães, cujos pontos que cabem maior destaque são: a liberdade existente entre os membros de diferente grau hierárquico para o questionamento e a tirada de dúvidas, característica essa que facilitou o entendimento da guerra moderna e “permitiu modificar aspectos estruturais e operacionais de modo a aperfeiçoá-los, ou seja, aprender com os erros cometidos” (MURRAY, 2001, p.159; Apud LOURO, 2011, p.48); e o grande apelo pela iniciativa durante o combate, permitindo desta forma que decisões fossem tomadas de maneira muito mais rápida, já que mesmo nas menores frações, os militares estavam preparados para manobrar se necessário fosse. Como consequência dessa maneira de raciocinar a guerra, existia uma maior probabilidade de sucesso nos conflitos contra exércitos em que a decisão estava mais centralizada em seus Altos Comandos Militares. Em suma:

Tais princípios evoluíram a estrutura de comando alemã de forma especialmente dinâmica e profissional, e deram às tropas mais agilidade no campo de batalha, livres das amarras hierárquicas que antagonizam com a necessidade de velocidade das decisões e ações da guerra mecanizada (LEACH, 1975, p. 31).

Desta forma, levando em consideração todo o exposto sobre as peculiaridades do exército alemão, faltava a eles apenas uma maneira de se rearmar e testar seus novos armamentos e doutrinas, desenvolvidas através dos vastos estudos sobre as experiências dos conflitos recém encerrados. Ressalto que uma das formas para resolver tal problema, como já citado em outro momento de nosso estudo, era a criatividade, ratificando esta forma com as palavras de Louro: “ o uso da imaginação era largamente incentivado nos estudos, servindo para substituir o exercício real, já que o exército alemão não podia ter carros de combate, aviões e demais unidades blindadas. ” (LOURO, 2011, p.48). A outra forma

²¹ Pensadores teóricos da guerra, responsáveis pela criação do primeiro Estado Maior, o Prussiano, que serviu como modelo para os demais que se seguiram.

encontrada e que foi fundamental para o nível de expertise que possuíam as forças blindadas alemãs no início da segunda guerra foi o Tratado de Rapallo de 1922. Segundo Morais:

Conjuntamente a este incomparável esforço teórico, sob a vigência do Tratado de Rapallo (1922) os alemães desenvolveram em cooperação com os russos muito do que lhes era vetado, inclusive suas divisões blindadas (Leach, 1974, p. 32-33). O treinamento das divisões panzer foi realizado com veículos improvisados, como tratores e bicicletas. Apesar de não terem as armas, os alemães testaram todo o esforço teórico produzido por seu corpo de oficiais do Estado Maior. (2014, p.56)

Por fim, podemos concluir que durante o entre guerras a Alemanha sofreu com inúmeras dificuldades, consequente, em sua maioria, do Tratado de Versalhes, o que muito dificultou o seu desenvolvimento tecnológico pela década seguinte ao término da I Guerra, reforçado ainda pela grande crise econômica gerada pelas pesadas indenizações, igualmente fruto do tratado já citado. No entanto, diferente do que foi comum nos participantes da guerra, o seu desenvolvimento no campo teórico e sua vasta aceitação a inovação, propiciada pela peculiaridade dos seus oficiais formados pelo curso de Estado maior, permitiu que fosse desenvolvida, nas décadas que antecederam a II Guerra, uma doutrina coerente com a guerra moderna, que inclusive, serve como norte para as operações terrestres até hoje. O conceito de armas combinadas desenvolvido nesse período, que previa a ação conjunta, e em massa, dos carros de combate liderando as colunas blindadas, com o apoio da aviação, servindo como artilharia móvel avançada, gerou o conceito da *Blitzkrieg*, que se mostrou não só inovador, mas também surpreendente nos primeiros anos da guerra, mostrando a superioridade alemã no campo tático-operacional. (MORAIS, 2014, p.57)

Dada a importância desse conceito, falaremos um pouco mais sobre ele no próximo tópico.

2.6 Comparação e Conclusão pela Superioridade Operacional Alemã

Conforme abordado nos tópicos anteriores, o período entre guerras se deu de forma bem distinta entre as potências mundiais. Cada uma delas, nesse período, demonstrou maneiras peculiares de desenvolver suas doutrinas e táticas. Em alguns aspectos elencados, foi possível perceber que ocorreram de maneira praticamente similar em todos os países estudados, dentre tais fatores, os que mais se destacam

são: a repulsa generalizada aos assuntos militares, causados pelas grandes sequelas deixadas pela guerra nas respectivas sociedades; e a grave crise financeira, inicialmente causada pelos endividamentos provenientes dos esforços de guerra, e num segundo momento, agravada pela crise de 1929, que afetou de modo semelhante o mundo capitalista.

Entre as exceções a primeira regra, sobre o sentimento antibelicista da sociedade, dois países podem ser enumerados: os EUA e a Alemanha. Apesar de por motivos divergentes, já explicados anteriormente, a sociedade americana e a alemã, não demonstraram nos anos subsequentes a I Guerra Mundial, a mesma antipatia ao desenvolvimento e ao estudo voltado para assuntos ligados a conflitos armados. Entretanto, dentre estes dois, cabe destaque ao país europeu, que não só esteve alheio a esse obstáculo enfrentado pelas demais potências europeias, como também, devido a um sentimento de revanchismo criado em virtude das humilhações proporcionadas pelas imposições do Tratado de Versalhes, teve na sua sociedade um forte apoio ao engrandecimento de suas Forças Armadas, de forma a não se submeterem novamente a circunstâncias tão desproporcionais, quanto as impostas a um derrotado na guerra.

Com esse grande ponto de distinção a seu favor, o Estado alemão buscou, através dos intensos estudos sobre os resultados do conflito que acabara de encerrar, inúmeras respostas baseadas nas experiências vivenciadas não só por suas tropas, mas também, principalmente, pelas tropas britânicas e francesas, que ainda durante a guerra encontraram na arma blindada uma possível solução para a superação do problema encontrado na superioridade dos apoios de fogo trazido pelas inovações tecnológicas versus a capacidade de mobilidade das tropas, o que levava as batalhas a se resumirem a longos conflitos entrincheirados, sem muito avanço efetivo nos territórios que se vislumbrava conquistar.

Através do amplo estudo empregado, tanto das lições aprendidas por seus exércitos quanto pelos de outras grandes nações, somados ainda a abertura a inovação proporcionada pelo desenvolvimento aprofundados das teorias de grandes inovadores como De Gaulle e Liddell Hart, que diga-se de passagem, não obtiveram grande aceitação em seus próprios países, possibilitou a maturação das doutrinas alemãs. Estes aprendizados geraram pensamentos voltados a guerra de manobra, que pregava: grande mobilidade, proporcionada pelas viaturas blindadas e pela

engenharia; vasto poder de fogo, proporcionado pela artilharia e pela aviação; aliada a capacidade decisiva de manutenção do ímpeto, proporcionados pelas tropas que não tinham participado do rompimento, normalmente a infantaria motorizada. Essa fórmula, descoberta pelos germânicos, acabou por se mostrar, inicialmente, uma eficaz solução para o impasse da Guerra de trincheiras.

Esse conjunto de características que trabalham fortemente com o conceito de armas combinadas, acabou por gerar o que se chamou de *Blitzkrieg*²², que é muito mais do que apenas uma tática para alcançar um objetivo de ataque, visto que ela passa ainda por um fator psicológico, que é a quebra da coesão mental do inimigo, cuja principal consequência é a incapacidade do adversário de se contrapor a tal forma de manobra.

Segundo Morais:

A *Blitzkrieg* funciona por meio de uma série de incursões de reconhecimento, cujo objetivo essencial é identificar os pontos fortes e fracos da frente inimiga. Quando tais pontos estão claros, é iniciada a investida principal, realizada com todos os meios disponíveis contra as posições de maior vulnerabilidade do dispositivo inimigo, liderada por forças poderosas, como uma unidade blindada. [...]. Essa doutrina de ataque repousa na ideia do fogo concentrado e pontual, dentro de uma concepção de mobilidade inerente à operação como um todo. O ataque deve ser lançado com grande apoio da aviação, e à artilharia cabe oferecer apoio complementar. Tanto o apoio da artilharia como o da força aérea devem visar alvos tanto materiais quanto psicológicos. (2014, p.58)

Cabe ainda ressaltar a grande importância dos blindados nessa doutrina, mostrando a grande capacidade de inovação dos alemães, que dominaram em poucas décadas a melhor forma de emprego dessas viaturas, já que elas haviam acabado de surgir nos campos de batalha. Nas palavras de Morais, é possível perceber o papel de destaque que esse meio possuiu na *Blitzkrieg*:

[...] aos blindados estava reservado o papel chave do ataque. As divisões panzer, longe de serem uma força auxiliar, deveriam participar de todas as fases da batalha, enquanto houvesse terreno para avançar. Nas operações de rompimento os carros de combate foram sempre empregados em massa. (2014, p.59)

Conclui-se, assim, que dado todo esse avanço conseguido pelo exército de Hitler, principalmente nos campos doutrinários e organizacionais, que a Alemanha, comparativamente com as demais potências estudadas, possuía uma significativa

²² Guerra Relâmpago, em tradução literal

vantagem operacional nos anos iniciais da Segunda Guerra. Fruto disso, obteve vitórias memoráveis com os primeiros empregos da *Blitzkrieg* na Europa. Dessa lista de embates, figuram entre as campanhas da Polônia, França, Balcãs e Rússia, dentre os quais foi selecionado o francês, para em um próximo capítulo realizarmos um estudo de caso, dada a sua importância. (MORAIS, 2014, p. 59)

CAPÍTULO III: A *BLITZKRIEG* NA SEGUNDA GUERRA E O FIM DO IMPASSE

A Segunda Guerra Mundial, teve início basicamente pelos mesmos motivos já citados que incitaram a Primeira, tendo estes sido agravados pelos termos do Tratado de Versalhes, que diferente do ocorrido em Viena (1815), não deram “espaço à mesa” aos derrotados. Até por essa semelhança nos condicionantes da guerra, alguns autores como Phillippe Breton²³, defendem que na verdade, as duas foram uma única guerra, com a duração de 30 anos.

Independente da maneira que ela venha a ser classificada, nesta guerra foi testada a doutrina desenvolvida pela síntese das experiências adquiridas na I Guerra, aperfeiçoadas no entre guerras. Como foi visto no capítulo anterior, cada Estado, guardada as suas particularidades internas, políticas, estratégicas e econômicas, chegaram a diferentes níveis de maturidade no que diz respeito ao emprego e organização das tropas e viaturas blindadas.

Essa diferença teve vital influência nas relações internacionais, inclusive ficou evidenciada, dado a maneira que potências europeias como Inglaterra e França, encararam os avanços alemães contra as imposições do Tratado de Versalhes, utilizando a “política do apaziguamento”²⁴. O fato é que, se não existisse essa defasagem, provavelmente, a política externa desses países seria outra.

Apesar de se ter a informação de como essa guerra veio a terminar, para os que observaram os momentos iniciais da guerra, provavelmente podiam vir a ter outra visão de quem seriam os vencedores. Isso é consubstanciado na análise das esmagadoras vitórias iniciais imprimidas pelo exército alemão, nos campos poloneses, franceses, balcânicos e russos através do emprego da *Blitzkrieg*, conforme citamos no final do capítulo anterior.

De maneira a consolidar esse conceito, importante para o restante desse capítulo, e ratificar as palavras de Morais, trabalharemos também com a definição dada por Cawthorne:

Baseado em velocidade e surpresa, a *Blitzkrieg* envolvia unidades de tanques leves, apoiadas por aeronaves e infantaria, abrindo caminho através de linhas inimigas e rumando céleres para capturar objetivos antes que o inimigo tivesse tempo de reagrupar-se[...] os alemães decidiram que o futuro da guerra estava no Panzerkampfwagen, ou carros de combate

²³ Autor de “A 2ª guerra dos 30 anos. ”

²⁴ Política externa colocada em prática, principalmente por Inglaterra e França, que visava evitar enfrentamento ao expansionismo de Hitler.

blindados, mais tarde conhecidos simplesmente, em alemão, como Panzer. (CAWTHORNE, 2015, p.06)

Em resumo, do até então exposto, os nazistas, liderados por Hitler, colocavam em prática os ensinamentos de emprego de armas combinadas, tão debatidos no entre guerras, junto com a ideia de intenção do comandante, herdada da Escola de Estado Maior dos tempos prussianos, que dava as tropas visão ampla sobre a missão e permitia aos mais antigos, nas cenas de ação, rápidas tomadas de decisão, propiciando assim ainda mais velocidade aos ataques. O que cabe aqui frisar é que esta visão estratégica tida por Hitler, não foi enxergada por outros estadistas europeus, e ela foi responsável por ampliar o desequilíbrio de forças existente.

Apesar dessa vantagem inicial, nos anos seguintes, o que foi visto é que “Com esse sucesso inicial, entretanto, veio seu fracasso final”. (CAWTHORNE, 2015, p.06). As palavras de Cawthorne se embasam no fato do alto-comando alemão ter acreditado tanto na excelência da arma, que passaram a não crer na possibilidade de ela ser derrotada, dando margem ao cometimento de determinados descuidos.

E estes vieram, primeiramente, quando enfrentaram os fatores climáticos, como já havia ocorrido com Napoleão, em que acabaram não tomando o cuidado necessário no planejamento e foram vencidos pelo inverno Russo, não só por motivos estratégicos, mas também por razões logísticas, visto que diferente da França, o território soviético era muito maior e cheio de recursos para suprir as tropas vermelhas, ou seja, a URSS possuía uma grande profundidade estratégica. Além disso, subestimaram a capacidade de aprendizado das tropas opositoras, que perceberam que dada a lentidão do Panzer, este era suscetível às infinitamente mais baratas armas antitanque e ao ataque pelo ar.

Por fim, em dado momento, a guerra passou a ser apenas de produção de tanques, e a indústria bélica alemã não tinha como competir com a dupla formada pelas grandes potências armamentistas, URSS e EUA. A partir daí, ficou fácil prever como terminaria.

Após essa análise superficial da II Guerra Mundial, e apesar de sabermos como já foi dito, quais os resultados que ela veio a tomar, focaremos nosso estudo do próximo tópico na *Blitzkrieg* da campanha francesa, considerada por Morais, a

Blitzkrieg “perfeita”. (MORAIS, 2014, p.64), o que demonstra a sua importância, visto que independente das fraquezas que ela tenha vindo a apresentar no decorrer da guerra, esta doutrina de ataque desenvolvida pelos germânicos, mostrou-se tão eficaz, que ainda no século XXI, é a base de várias outras operações bem-sucedidas.

3.1 *Blitzkrieg* na Europa, campanha da França.

Após o início da guerra, e a ocorrência da primeira *Blitzkrieg* na Polônia, que se mostrou bem-sucedida, ainda existia entre os generais mais conservadores do *Reich*²⁵ grande desconfiança da efetividade de tal doutrina de emprego. O principal argumento utilizado por tais autoridades era embasado no fato do exército Polonês não estar à altura, tanto em termos de preparo, quanto em termos de material, das grandes potências bélicas europeias. No entanto, tal tática, no mínimo, passava a contar com um mínimo de crédito, faltando uma campanha de maior porte e sobre um país melhor preparado, para que essa desconfiança se esvaísse. (HART Apud WILLIAMS, 1974, p. 31; Apud MORAIS, 2014, p.65).

Antes da efetiva campanha na França, que viria a provar a eficácia e a eficiência da guerra relâmpago, alguns traços dessa forma de combate baseada na combinação de armas foi empregada na Dinamarca e na Noruega, mostrando pontos-chaves, como a combinação entre esforços aéreos com o emprego de paraquedistas e a utilização simultânea de tropas motorizadas. Apesar do temor de Hitler quanto ao sucesso dessa empreitada, visto que apenas parte de sua tropa era completamente treinada e organizada, ainda assim as unidades alemãs se portaram de maneira exemplar. (HOUSE, 2008, p.137)

Essa maneira de batalhar empenhando, simultaneamente, parcelas terrestres, áreas e marítimas, nos campos dinamarqueses e noruegueses, levou a uma alteração dos paradigmas aliados, quanto a seus planejamentos e direcionamento de recursos. Porém, cabe ressaltar, que tais mudanças não foram suficientes ainda para que os aliados fossem capazes de se contraporem a essa combinação de armas empregada mais tarde na França. (HOUSE, 2008, p.137)

²⁵ Como era chamado o império alemão. Tradução nossa.

Em contrapartida à atuação alemã, foi possível perceber a pífia desenvoltura das peças de manobra aliadas, que não só se demonstraram despreparadas no quesito recursos humanos, mas também no aspecto material, o que pode ser comprovado pela baixa, para não dizer nula, capacidade antiaérea do exército britânico e a precária capacidade de comunicação tanto entre as tropas de mesma nacionalidade, quanto entre as de diferentes países pertencentes aos aliados, com destaque aqui para Inglaterra e França. (HOUSE, 2008, p.137)

Outra inabilidade que pode ser percebida nesta batalha na região nórdica, foi a incapacidade dos altos comandos de conseguirem perceber a dispersão estratégia que era o ataque a estes países, já que o ponto focal de esforço nesse momento, na verdade, era a Bélgica e a França.

Na França, diferente do que ocorreu na Polônia, evidenciou-se a excelência da *Blitzkrieg* sobre as antiquadas táticas defensivas ainda cultuadas pelos franceses, mesmo para pensadores militares mais pessimistas ou desconfiados. Nas palavras de Morais, “A rápida derrota do Exército francês não deu margem a subterfúgios. Após aquela campanha, ficou claro que as doutrinas herdadas da “guerra de posição” estavam condenadas, e o impacto foi severo no meio militar.” (2014, p.65)

Ainda nas palavras de Morais, é possível observar a forma de pensar de alguns membros do Alto escalão alemão, antes da campanha na França.

Apesar do sucesso das divisões panzer na Polônia, muitos generais conservadores e influentes no Exército alemão ainda **não confiavam inteiramente nessa nova arma, e tinham o Exército francês em altíssima conta**. Por isso, nos planejamentos iniciais o esforço principal seria através da Bélgica e da Holanda, como em 1914. “Paralelamente às dúvidas franco-britânicas sobre a eficiência das formações blindadas, os alemães planejavam invadir a Europa Ocidental mais ou menos segundo as técnicas obsoletas da Primeira Guerra Mundial” (MACKSEY, 1974, p. 31; Apud MORAIS, 2014, p.65, grifo nosso).

O que cabe aqui destaque, antes de estudarmos minuciosamente, a maneira com que esse embate se deu, é o fato de que essa derrota não deve ser pontuada no que diz respeito a qualidade ou a quantidade de matérias bélicas, visto que “apesar de deficiências como a escassez de comunicação via rádio e torres apertadas, a maior parte dos carros aliados era realmente mais bem armada e blindada que os carros alemães.” (HOUSE, 2008, p.138). Isso evidencia a vitória ter

sido focada nos campos político-estratégico (o que é claro, se refletiu no campo tático) e não nos aspectos numéricos e tecnológico. De forma a traduzir isso em números, “a Inglaterra e a França possuíam, em conjunto, um total de 4340 carros-de-combate no continente durante a campanha de 1940, comparados a apenas 3863 da Alemanha.” (HOUSE, 2008, p.138)

Após tal análise feita acima, será elencado de que forma a estratégia germânica se provou tão superior à preparação francesa para impedi-la, já que como já se mostrou através de números, a superioridade relativa era dos aliados. Inicialmente, faz-se mister atentar para o fato de que: muitos foram os debates para ser definido de que maneira seria realizada a manobra para a invasão do território francês, já que grande era a estima dos generais alemães por essa nacionalidade de tropa inimiga. Desta forma, eles esperavam que a resistência que seria demonstrada pelos franceses poderia vir a lhe causar grandes dificuldades.

O plano que acabou sendo adotado para tal operação, foi idealizado pelo General Eric von Manstein, então Chefe de Estado Maior do Grupo de Exércitos A. Este planejamento propunha a invasão alemã através das Ardenas, onde previa-se que seria o setor mais frágil da defensiva francesa, posto que o mais alto escalão francês considerava tal região do terreno segura, dada as suas características e a sua limitada trafegabilidade, principalmente para blindados. Tal manobra, já pensada por Hitler, mostrou-se extremamente eficaz, ainda mais, após o detalhamento da mesma pelo eficiente Estado Maior alemão. (MORAIS, 2014, p. 65). E assim estava planejada a ofensiva em números: “De um total de dez divisões blindadas alemãs, sete deveriam ser empregadas na ruptura da frente, nas Ardenas. Era assim que a Alemanha procurava repetir contra a França o que fizera à Polônia no ano anterior.” (MORAIS, 2014, p.65)

No seguinte trecho da dissertação de Moraes, pode-se observar o efeito desejado pelo plano e um resumo de como seria a sua execução:

A essência do plano era atrair as forças aliadas para uma armadilha na Bélgica, apostando na predisposição dos comandos francês e britânico para acreditar em um ataque alemão concentrado naquele setor, a partir das memórias da Primeira Guerra. Uma vez atraídas para a Bélgica, as tropas aliadas deveriam ser cercadas pelo avanço maciço das tropas blindadas e motorizadas a partir das Ardenas, em direção do Canal da Mancha. (MORAIS, 2014, p.65)

Os objetivos iniciais a serem alcançados por essas divisões blindadas eram Dinant, Sedan e Monthermé. Seguindo logo após tais forças, vinham as forças motorizadas, de forma a realizarem os conceitos já elencados anteriormente neste trabalho, no qual as divisões de carros de combate realizam a penetração nas defesas inimigas, fortemente apoiados por aviação e artilharia, e na sequência, o envolvimento e a destruição, das defesas já penetradas, são realizados pela sua retaguarda, contando ainda com o princípio da surpresa, desta forma desestabilizando completamente o moral e a vontade de combater do inimigo. Simultaneamente a esse esforço principal, que deslocava pelas Ardenas, o restante do exército alemão, não empregado nessa frente, realizaria um ataque de fixação pelas regiões belgo-holandeses e sobre a própria Linha Maginot, de forma a evitar que estas tropas pudessem deslocar e reforçar o local do ataque principal. (WILLIAMS, 1974, p. 12).

A estratégia desenvolvida pelos alemães mostrou-se extremamente acertada, não só pela execução muito bem realizada, mas também pela grande dificuldade encontrada pelos aliados ocidentais em realizar defesa em tão larga frente. O que acabou por ocorrer foi o posicionamento de sua defensiva de maneira linear, e em faixas estreitas, o que se provou prejudicial, visto que para tal tipo de manobra defensiva, faz-se necessário uma tropa bem treinada e coordenada para a realização de contra-ataques rápidos e decisivos, a fim de evitar a penetração inimiga no dispositivo e a manutenção da posição que se deseja negar ao inimigo. Segundo House (2008, p.138), “Na maioria dos casos, estes batalhões nunca haviam treinado para cooperar com a Infantaria e a Artilharia em um ataque ou contra-ataque coordenado.”

A estrutura de comando francesa, em particular, estava montada para uma guerra de posição, mas precisava de forças para criar uma verdadeira defesa em profundidade no modelo da Primeira Guerra Mundial [...]. Faltava-lhes capacidade para transferir unidades **rapidamente** a fim de enfrentar e conter essa ameaça. O comando e controle francês ainda estavam presos a telefones e a relatórios escritos, não podendo reagir com **rapidez suficiente** contra o avanço alemão[...]. Conforme Gerhard Weinberg observou, “o fator essencial foi, seguramente, que um mal liderada e mal controlada força aliada rompeu-se em um ponto crítico por blindados concentrados alemães e nunca foi capaz de recuperar até mesmo seu equilíbrio, quanto mais **sua iniciativa.**” (HOUSE, 2008, p.139, grifo nosso)

Nota-se na análise realizada por House e grifada para nosso estudo, que repetidamente, o autor faz referência a questão da rapidez de resposta dos aliados, nesse caso em particular, dos franceses. Cabe destacar aqui mais um aspecto já elencado nesse trabalho, mas que agora manifesta-se de maneira ainda mais clara: a velocidade de decisão que os militares da Alemanha possuíam, com destaque para os que estavam nos primeiros escalões, ou seja, na frente de batalha, devido a sua forma diferenciada de preparo, oriunda das tradições prussianas, alicerçada na iniciativa e com foco na Intenção do Comandante. Isso dava aos exércitos de Hitler uma significativa vantagem, quando comparado a forma de combater aliada, em que as decisões ficavam concentradas nos altos comandos, cuja dificuldade de comando e controle atinente a guerra, somada a outros fatores relacionados a déficit no treinamento, consubstanciava um tempo muito maior para a reação a determinadas ações tomadas no *front*. Esta centralização das ordens fazia com que as atitudes tomadas para se contrapor ao avanço alemão, nunca ocorresse com rapidez suficiente para se mostrar efetiva.

No aspecto tático, a grande distinção entre os beligerantes pode ser percebida tanto na organização das forças, quanto na experiência no emprego conjunto das diferentes armas. As divisões blindadas alemães eram notadamente melhor organizadas que as francesas. A proporção entre peças de manobra de cavalaria, infantaria e artilharia, no caso alemão, proporcionava aos primeiros a capacidade de ambos revezarem a prioridade do ataque, dependendo do que estivesse acontecendo no campo de batalha, atentando ainda para o nível de entrosamento, no qual seja lá quem fosse o comando no momento de um ataque, de cavalaria ou infantaria, os oficiais possuíam ampla capacidade de fazê-lo, sem restrições. Já com os franceses, a baixa quantidade de unidades de artilharia e infantaria na composição de suas “divisões encouraçadas” dificultava a sintonia necessária para que estas últimas pudessem substituir ou agir em reforço das divisões, primeiro, pela desproporção já citada e segundo, pelo baixo treinamento que essas possuíam para atuar em conjunto. Reitero ainda a incapacidade dos comandantes destas frações subordinadas de manobrar sem o comando e controle advindo de seus superiores, que também não possuíam treinamento adequado para executá-lo. (HOUSE, 2008, p.139-140)

Os comandos de “meias-brigadas” que controlavam seus batalhões de carros não tinham condição nem eram treinados para integrar os outros elementos combatentes. Os comandantes das divisões panzer, ao contrário, tinham vários comandos subordinados, cada um capaz de controlar os diferentes sistemas de armas combinadas. (HOUSE, 2008, p.140)

A última consideração a ser feita na execução desta *Blitzkrieg* está diretamente ligada à vasta superioridade na doutrina de emprego no que diz respeito ao emprego de armas combinadas, o que foi evidente na penetração das Ardenas. Nos momentos críticos, como por exemplo, a transposição do Rio Meuse, “a Infantaria alemã e alguns engenheiros o cruzaram protegidos pelo fogo de cobertura dos carros de combate, da artilharia e das aeronaves táticas (apoio aéreo aproximado).” (HOUSE, 2008, p. 140-141). Este apoio continuado, permitia ao exército alemão prosseguir em seu avanço, visto que os defensores, devido a sequência de ataques coordenados, se viam obrigados a manter-se abrigados, desta forma sendo impedidos de evitar a transposição. Apesar da complexidade da execução de tal feito, tudo isso já havia sido simulado em jogos de guerra, entre as forças terrestres, lideradas por Guderian, e a *Luftwaffe*²⁶, permitindo aos executantes grande precisão e controle da ação em curso. (HOUSE, 2008, p.141)

Após terem sido feitas todas essas observações sobre a maneira em que as respectivas tropas se comportaram durante o combate, cabe a nós apenas enumerar e encaixar em uma moldura temporal os acontecimentos que levaram a arrasadora vitória germânica. O esforço principal, que se deslocou pelas Ardenas iniciando o ataque em 10 de maio de 1940, no dia 12 já havia conquistado posições na margem oriental do Meuse, em Sedan. Após transposição realizada com as considerações do parágrafo anterior, levando cerca de um dia, o deslocamento prosseguiu sem muita resistência. No final da primeira semana, os principais objetivos já tinham sido alcançados, deixando assim isoladas as unidades aliadas que se encontravam na Bélgica, tanto de seus reforços quanto de suas estruturas de comando e controle. Em 18 de maio toda faixa entre os rios Scarpe e Somme estava ocupada, o que significava uma derrota estratégica, por mais que as peças a nível tático ainda se movessem. (MORAIS, 2018, p.65-68)

A rendição ocorreu em 17 de junho, apenas seis semanas após o início dos conflitos. Para aqueles que apenas observam os quantitativos de tropas e meios

²⁶ Força aérea alemã.

empregados, parece uma decisão errônea, ou talvez precipitada. No entanto, para aqueles que tiveram acesso a todas as análises que fizemos no decorrer deste capítulo, é perceptível que a disparidade entre os que se confrontavam era gritante.

A sucinta análise de Morais diz muito do ocorrido nesta batalha da segunda guerra:

A França foi derrotada não apenas no rompimento alemão nas Ardenas, tampouco na transposição do Meuse ou na chegada dos panzers ao Canal da Mancha; mas ao apostar em doutrinas defensivas que se mostraram ineficazes na guerra mecanizada. Os franceses optaram por investir quase todo o orçamento para a defesa do país na Linha Maginot. Apesar de terem encomendado muitos blindados às fábricas, **ignoraram os esforços de De Gaulle em proveito do desenvolvimento de divisões blindadas capazes de constituírem um sistema de defesa móvel.** (2008, p. 67, grifo nosso)

Concluimos, então, que a derrota sofrida pelos aliados, estava mais relacionada as decisões político-estratégicas tomadas por eles no entre guerras, do que efetivamente a fatores atinentes especificamente a essa batalha específica, visto que os acontecidos em território francês, refletiram basicamente o despreparo no campo doutrinário e organizacional, o que possivelmente ocorreria sem muitas distinções se tal batalha acontecesse em qualquer outra posição geográfica.

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao atingir o final do estudo, foi possível perceber a clara evolução dos blindados ao longo dos anos e como ele influenciou na relação entre os Estados. No universo temporal e espacial que foi delimitado, notou-se claramente que o seu surgimento foi de importância ímpar para a mudança de postura durante a Primeira Guerra Mundial, visto que a sua aparição nos Teatros de Operações Europeus, propiciou uma mudança de postura de uma guerra insistentemente estática, para uma guerra de movimento, o que nos leva a olhar pelo prisma de que os “tanques” foram os protagonistas de uma grande Revolução Militar.

Num segundo momento do trabalho, quando explorou-se os aspectos do entre guerras, ficou claro o quanto Carl Von Clausewitz (1790 – 1831) tinha razão quando afirmava que “a guerra é a política por outros meios”²⁷, visto que, apesar de todos os ensinamentos colhidos na, até então única Guerra Mundial, o desenvolvimento e a disseminação dessas ideias ficou restrito ou até impedido, devido a um grande sentimento antibelicista presente no poder político e nas sociedades, somados ainda as grandes dificuldades financeiras proporcionadas num primeiro momento, pelas dívidas relativas a guerra que acabava de terminar e pela crise da 1929, num segundo momento.

Como pode ser visto nos capítulos que compõem este trabalho, esse sentimento contrário aos assuntos militares teve algumas exceções, com destaque para a Alemanha de Hitler. Outro país que é digno de algumas considerações sobre as afirmações do parágrafo anterior é a própria URSS, que só não entrou na Segunda Guerra Mundial nas mesmas condições que os alemães devido as ações de Stalin, que eliminou suas cabeças pensantes, que estavam por revolucionar seu exército.

Ainda sobre a questão das sociedades, considerando agora o restante das nações estudadas, onde elas se portaram de maneira repulsiva ao desenvolvimento das Forças Armadas, foi visualizado alguns pensadores, como Fuller, Liddel Hart e de Gaulle e porque não citar o próprio Guderian, que apesar dessa dificuldade de cunho político-social, conseguiram, ainda nesse período, do término da I Guerra até o início da II, elucidar e influenciar alguns exércitos, e fazer com que aqueles que

²⁷ Frase do livro “Da Guerra” de 1832.

seguiram suas afirmações e conclusões, marchassem na vanguarda da Revolução Militar, através do emprego de um conceito mais moderno da utilização de armas combinadas, onde os tanques, em virtude da sua proeminência, tiveram sua maior evolução e desenvolvimento.

Cabe aqui ainda citar que, apesar dos primeiros pensadores supracitados serem de origem inglesa e francesa, respectivamente, sendo apenas o último de nacionalidade alemã, estes conseguiram influenciar mais a oficialidade germânica, que era incentivada a realizar a leitura do livro de De Gaulle, por exemplo, do que a sua própria. Isso ocorreu, pois apesar de possuírem ideias brilhantes e inovadoras, não tiveram em suas nações e nem em sua própria força, o apoio necessário para fazê-las serem implementadas, sendo derrotados pelo conservadorismo das ditas armas tradicionais, como infantaria, artilharia e até mesmo a própria cavalaria, trazendo como consequência o atraso nas suas doutrinas ofensivas.

Ainda durante o desenvolvimento, mais especificamente, nos anos que antecederam a Segunda Grande Guerra e os primeiros anos deste conflito, ficou notório que aqueles Estados que tiveram a visão política-estratégica de investir no aperfeiçoamento dos métodos de emprego ofensivos das suas forças militares, moldaram o Sistema Internacional, principalmente de 1939 até 1941, sendo o exemplo mais clássico o fato da Alemanha de Hitler ter o seu expansionismo, inicialmente, pouco impedido pelas potências locais, graças a seu poderio militar demonstrado nas primeiras *Blitzkrieg*.

Ainda trabalhando o aspecto da guerra relâmpago, no estudo feito no último capítulo, pode-se observar, através da pormenorização das razões que permitiram aos exércitos de Hitler marchar tão rápido sobre território francês, que dos fatores analisados é factível afirmar que eles estavam muito mais relacionados aos fatores político-estratégico e organizacionais definidos por cada país no período que a antecedeu, do que de fato aos que se apresentavam durante o combate.

Entre os principais, e que conseqüentemente saltam mais aos olhos, pudemos enumerar: a pequena capacidade dos aliados, com destaque para os franceses, de descentralizar o comando de suas menores frações, fazendo assim elas dependentes de decisões dos escalões superiores, e conseqüentemente, reduzindo a capacidade de respostas rápidas aos contratempos do combate; a dificuldade das diferentes armas de se coordenarem para se contrapor a um ataque

com emprego maciço de blindados, visto que, apesar da divisão encouraçada francesa possuir em sua composição batalhões de artilharia e infantaria, eles eram em numeral inferior ao necessário, além de, devido ao baixo nível de treinamento conjunto, serem incapazes de operar em apoio ou em reforço aos carros-de-combate; e por último a falta de visão estratégica, que levou as unidades da França a serem não só surpreendidas por um ataque realizado pelas Ardenas, mas também por terem apostado em uma defesa em posição e linear, sem a profundidade exigida para se contrapor a uma tentativa de penetração por parte dos oponentes, creditando assim todas suas expectativas numa resistência proporcionada pela Linha Maginot, que não estava preparada para uma doutrina ofensiva de emprego, tão bem pensada, como foi a *Blitzkrieg*.

As palavras conclusivas de Moraes fazem uma boa síntese do que ocorreu neste embate:

Uma vez diante da Linha Maginot, os alemães simplesmente fizeram a volta, pegando os franceses completamente despreparados atrás de sua muralha. Atestado enfático disso é a constatação da superioridade Aliada em blindados frente aos alemães naquela campanha. **Superestimou-se muito o volume de blindados alemães, na época.** Embora os franceses calculassem um total de sete a oito mil, sabe-se que o Exército alemão tinha menos da metade desse número – menos de 2.600 foram usados na primeira fase, a decisiva da invasão (WILLIAMS, 1974, p. 19; apud MORAIS, 2014, p.67).

Portanto, ao finalizar o estudo, conclui-se que as viaturas blindadas e mais precisamente as forças mecanizadas de maneira geral, que tiveram nesse curto espaço de tempo, o seu surgimento, durante a I Guerra Mundial, sua evolução, principalmente no entre guerras, e seu auge, durante a Segunda Grande Guerra, servindo como a ponta de lança da *Blitzkrieg*, sem dúvidas propiciaram grande influência nas relações internacionais, dada a sua capacidade de gerar *Poder*²⁸, provendo através desse braço militar a capacidade de dissuasão no Sistema Internacional.

²⁸ Segundo Joseph S. Nye Jr, em sua obra *SOFT POWER: The Means to Success in World Politics*, Poder é a capacidade de influenciar o comportamento do outro de forma a atingir os resultados que você deseja. (Tradução literal).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J.V. Portella F. **Os Blindados Através dos Séculos**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1964.

CAWTHORNE, Nigel. **Blitzkrieg: o Plano Estratégico para Conquistar a Europa**. São Paulo: Editora M.Books do Brasil Ltda, 2015.

DA SILVEIRA, Miguel M. **A Evolução dos Veículos Militares Blindados no Período Entreguerras**. Santa Catarina, Brasil, 2017. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina.

DE SOUZA, Fernando (Dir.). **Dicionário de Relações Internacionais**. Porto, Portugal, CEPESE, 2005.

DOS SANTOS, Carlos A. Geovanini. **Blindados 95 Anos de História**. Juiz de Fora, Brasil. Disponível em: <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/Blindados95.pdf>
Acesso em: 01 dez.2019

FRENCH, David. **The Nation in Arms II: The Nineteenth Century**. In: TOWNSHEND, Harles. (Ed.) *The Oxford History of Modern War*. Oxford, Oxford University Press, 2005.

GUDERIAN, Heinz. **Achtung Panzer!** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2009.

HART, Liddell. **O Outro Lado da Colina**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1973.

HOUSE, Jonathan M. **Combinação das Armas: A Guerra no século XX**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2008.

HOWARD, Michael. **Homem versus Fogo: Doutrina Ofensiva em 1914**. In: PARET, Peter (org.). **Construtores da Estratégia Moderna**. Tomo 2. Rio de Janeiro: BIBLIX, 2003.

KISSINGER, Henry. **A Diplomacia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

LEACH, Barry. **Estado Maior Alemão**. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1975

LOURO, João Marcos Macedo. **“O Cavalo ou o Motor”**: **Análise do Processo de Motomecanização no Exército Brasileiro (1921-1942)**. Dissertação de Mestrado em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança, defendida na UFF, em 2011.

MORAIS, João Rafael Gualberto de Souza. **A intelligentsia militar brasileira e sua reflexão sobre a blitzkrieg: o debate na Defesa Nacional**. Dissertação de Mestrado em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança, defendida na UFF, em 2014.

MURRAY, Williamson; MILLET, Allan. **Military Innovation in the Interwar Period**. Cambridge, Cambridge University Press. 1996.

_____. **The Industrialization of War**. In: PARKER, Geoffrey. (Ed.) **The Cambridge History of Warfare**. Cambridge, Cambridge University Press, 2005.

NEVES, Eduardo Borba; DOMINGUES, Clayton Amaral. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2007.

ORGILL, Douglas. **Tanques – 1918. Nascem os blindados**. História Ilustrada do século de violência. Vol. 14. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1979.

PARET, Peter. **Construtores da Estratégia Moderna**. De Maquiavel à Era Nuclear. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003.

RENOUVIN, Pierre; DUROSELLE, Jean Baptiste. **Introdução à história das relações internacionais**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

TREWHITT, Philip. **Carros de Combate Blindados**. Lisboa: Editora Estampa, 2005.

WILLIAMS, John. **França – 1940, a catástrofe**. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1974.